

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

CAMPUS: ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA

CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**História e Memória do Ferroviário Atlético Clube de
Parnaíba: do surgimento da equipe ao auge do futebol
amador da cidade entre as décadas de 1950 a 1970**

PARNAÍBA-PI

2017

História e Memória do Ferroviário Atlético Clube de Parnaíba: do surgimento da equipe ao auge do futebol amador da cidade entre as décadas de 1940 a 1970

Monografia apresentada como exigência para a obtenção de Certificado de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Orientadora: Ivanilda Sá Quixaba Ferreira

PARNAÍBA-PI

2017



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA



ATA DA SESSÃO DE APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIA DO CURSO DE
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Aos quatorze de fevereiro de 2017 no Campus Alexandre Alves de Oliveira, reuniu-se em sessão pública a Banca Examinadora da Monografia intitulada: História e Memória do Ferroviário Atlético Clube de Parnaíba: do surgimento da equipe ao auge do futebol amador da cidade entre as décadas de 1950 a 1970 de autoria do concludente Denis Amorim Batista.

A Banca Examinadora foi constituída pelos professores: Heleio Carvalho Mesquita de Araújo (Examinador), Sérgio Luiz da Silva Mendes (Examinador) e Ivanilda Sá Guixaba Ferreira (Orientador/ Presidente). Às 18:00 horas a sessão foi aberta pelo senhor presidente que deu início aos trabalhos convidando o candidato a fazer breve exposição sobre a Monografia em julgamento, concedendo-lhe para isto o tempo máximo de 30 (trinta) minutos. Findada a exposição o presidente passou a palavra aos membros da Banca Examinadora. Após a arguição dos mesmos, o concludente voltou a tomar a palavra para responder as questões formuladas e logo em seguida foi a vez do orientador se manifestar sobre o trabalho. A seguir a Banca Examinadora retirou-se a fim de analisar e decidir sobre a Monografia apresentada. Retornando, o presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a Monografia Aprovada (aprovada ou reprovada) com nota 10,0. O presidente, então, congratulando-se com o candidato e agradecendo a presença e todos, encerrou a sessão às 19:00 horas. E, para constar foi lavrada a presente ATA que, lida e aprovada, foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Parnaíba, 14 de fevereiro de 2017.

Ivanilda Sá Guixaba
Presidente da Banca Examinadora

Heleio Carvalho Mesquita de Araújo
Examinador

Sérgio Luiz da Silva Mendes
Examinador

Yuri Holanda da Nogueira
Yuri Holanda da Nogueira
Mat. 281029-8 - Port. n.º 01/17
Coord. do Curso de Lic. Plena em História
Campus UESPI Parnaíba

UESPI

Av. Nossa Senhora de Fátima - S/N - Bairro: Fátima - 64202-220 - Parnaíba - PI
Telefones: (86) 3321 1800 / 3321 1233 - Fax: 3321 1825

B333h Batista, Denis Amaral
História e memória do Ferroviário Atlético Clube de Parnaíba: do surgimento da equipe ao auge do futebol amador da cidade entre as décadas de 1940 a 1970 / Denis Amaral Batista. – 2017.

70 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Licenciatura Plena em História, 2017.
“Orientadora Prof^a. Esp. Ivanilda Sá Quixaba Ferreira.”

1. Ferroviário. 2. Ferrovia. 3. Futebol. 4. Memória.
I. Título.

CDD: 981.22

DENIS AMARAL BATISTA

História e Memória do Ferroviário Atlético Clube de Parnaíba: do surgimento da equipe ao auge do futebol amador da cidade entre as décadas de 1940 a 1970

Monografia apresentada à Banca Examinadora do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em História

Orientadora: Prof^ª Ivanilda Sá Quixaba Ferreira.

Aprovado pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

ORIENTADORA

Prof^ª Ivanilda Sá Quixaba Ferreira
Universidade Estadual do Piauí

EXAMINADOR

Prof^ª Helcio Carvalho Mesquita de Araújo
Universidade Estadual do Piauí

EXAMINADOR

Prof^ª Sérgio Luiz da Silva Mendes
Universidade Estadual do Piauí

Parnaíba (PI), 14 de Fevereiro de 2017

RESUMO

O presente trabalho problematiza a relação entre futebol e ferrovia no que diz respeito a relação social existente no time futebolístico e na sede do clube para seus associados e a população da cidade em geral. Meu objeto de pesquisa é o Ferroviário Atlético Clube equipe proveniente de Parnaíba-PI que foi criada inicialmente como uma forma de lazer e confraternização dos ferroviários e que tornou-se parte integrante do aspecto social da “Princesa do Igarçu”. O recorte que utilizo são as décadas de 1950 a 1970 períodos em que o desporto futebolístico amador dominava o cenário esportivo da cidade. O que me motivou para a realização desse trabalho foi colocar em ênfase o futebol como fonte histórica para análise da sociedade parnaibana no período já mencionado e compreender o porquê esse esporte faz parte da identidade cultural de vários locais do país. A metodologia foi a pesquisa bibliográfica e as principais fontes estavam em imagens de época, entrevistas, revistas, artigos científicos, teses, e livros que possibilitam uma leitura do contexto social das décadas em questão. O principal autor que trabalho é Pollak (2012), mas também contribuíram para minha pesquisa Cecatto (2012), Joutard (2000) e Mauad (1996). Essa pesquisa tem relevância no que infere a um tema pouco explorado na academia que é o futebol, pois através dele podemos entender aspectos da identidade, política, sociabilidades e do cotidiano de um determinado lugar, na qual observo Parnaíba a partir das características ditas anteriormente.

Palavras chave: Ferroviário, ferrovia, futebol, memória

ABSTRACT

The present work problematizes the relation between soccer and railroad in what concerns the social relation existing in the soccer team and in the club headquarters for its associates and the population of the city in general. My object of research is Ferroviário Atlético Clube team from Parnaíba-PI which was initially created as a form of leisure and fraternization of the railroad and which became an integral part of the social aspect of the “Princess of Igaracu”. The cut that I use are the 1950s to 1970s periods when amateur football dominated the city's sporting scene. What motivated me to carry out this work was to emphasize football as a historical source for the analysis of Parnaiban society in the period already mentioned and to understand why this sport is part of the cultural identity of various places in the country. The methodology was the bibliographical research and the main sources were in period images, interviews, magazines, scientific articles, theses, and books that allow a reading of the social context of the decades in question. The main author who work is Pollak (2012), but also contributed to my research Cecatto (2012), Joutard (2000) and Mauad (1996). This research has relevance in what it infers to a theme little explored in the academy that is soccer, because through it we can understand aspects of the identity, politics, sociabilities and daily life of a certain place, in which I observe Parnaíba from the characteristics previously said.

Keywords: Railway, railroad, football, memory

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A visita de Getúlio Vargas a São Paulo no Estádio do Pacaembu.....	16
Figura 2 – Vargas acenando para a multidão no Estádio de São Januário	19
Figura 3 – Símbolo atual do Operário Ferroviário de Ponta Grossa.	22
Figura 4 – Operário Ferroviário amador.....	23
Figura 5 – Estação Ferroviária em Rio Claro mostrando a chegada do trem	26
Figura 6 – Jogadores do GRECPEF em fotografia antes de uma partida de futebol.	27
Figura 7 – Símbolo do Ferroviário Atlético Clube de Fortaleza.	29
Figura 8 – Ferroviário Atlético Clube de Fortaleza Campeão em 1952.....	30
Figura 9 – Estádio Petrônio Portella, arquibancada de estrutura inglesa.....	35
Figura 10 – Símbolo do Ferroviário de Parnaíba.	38
Figura 11 – Jogadores do “Ferrim” de Parnaíba.....	39
Figura 12 – Jogadores do Ferroviário de 1965.	42
Figura 13 – Imagem da revista Histórica sobre a volta do “Ferrim” aos gramados.....	45
Figura 14 – Sede do Ferroviário de Parnaíba na Avenida São Sebastião.....	47
Figura 15 – Imagem da revista Histórica falando da sede do “Ferrim” e o carnaval.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I – A EXPANSÃO DO TREM NO TERRITÓRIO BRASILEIRO E A RELAÇÃO COM A CRIAÇÃO DE CLUBES FERROVIÁRIOS	14
1.1 – A Era Vargas e a relação com a popularização do futebol e o crescimento da ferrovia.....	14
1.2 – O movimento de criação de clubes ligados a trabalhadores das ferrovias brasileiras	20
CAPITULO II – O SURGIMENTO DO FUTEBOL EM PARNAÍBA E A CRIAÇÃO DE “ESQUADRÃO DA CENTRAL” PELOS FERROVIÁRIOS	33
1.3 – O futebol em Parnaíba e as praças esportivas.....	33
1.4 – O surgimento do Ferroviário de Parnaíba no auge do futebol amador da cidade .	37
CAPITULO III – HISTÓRIA E MEMÓRIA DO FERROVIÁRIO ATLÉTICO CLUBE NA CIDADE DE PARNAÍBA.....	46
1.5 – O papel social do Ferroviário nas comunidades parnaibanas.....	46
1.6 – Os craques do “ Ferrim” e as suas relações com o clube.	52
1.7 – O olhar referente a atual situação do futebol amador parnaibano comparado com o de antigamente.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
ANEXOS	66

INTRODUÇÃO

O futebol é considerado o esporte mais popular do planeta já que este desporto é praticado em vários locais do mundo. Após o surgimento do desporto futebolístico moderno na Inglaterra o jogo começou a se espalhar pelos países da Europa depois ganhou o resto do mundo.

De acordo com a pesquisa sobre a história do futebol na Inglaterra, realizada por Alex Fernandes de Oliveira (2012) da Revista Brasileira de Futsal e Futebol, as primeiras normatizações do futebol foram feitas em escolas públicas inglesas entre 1845 e 1862.

Ainda segundo Oliveira (2012) a respeito da criação do futebol como um esporte moderno, ocorreu quando foi fundada a Associação de Futebol inglesa (Football Association – FA) em 1863 com sede em Londres onde o Duque de Cambridge foi escolhido o primeiro presidente da FA.

Segundo o historiador José Moraes dos Santos Neto (2012) no Brasil, a chegada do futebol como um esporte moderno ocorre em 1894, quando Charles Miller, um estudante, filho de ingleses radicados em São Paulo, chegou de seus estudos na Inglaterra e trouxe o esporte, juntamente com um livro de regras do Football Association, duas camisas de times ingleses, duas bolas, uma bomba para enchê-las e um par de chuteiras, logo depois passou a divulgar o jogo de futebol na cidade de São Paulo, assim como os costumes relativos a sua prática.

Santos Neto (2012) ressalta que no começo o futebol era praticado apenas nos colégios, depois assumiu um caráter explicitamente competitivo e ganhou a posição de um esporte preferido da elite paulistana. Sobre esse fato ele enfatiza:

Se nos colégios estudavam os filhos da elite brasileira, nos clubes jogavam os membros das colônias de imigrantes mais “nobres” e aqueles mesmos filhos da elite brasileira. No fim das contas, restava uma barreira social entre o futebol e os milhões de jogadores, técnicos e torcedores em potencial que compunham a população brasileira. (SANTOS NETO, 2002 p. 30)

O pesquisador Rodrigues Filho (2008) relata que no começo, o futebol em território brasileiro era praticado somente pelas elites, os negros eram vedados do esporte, as camadas mais pobres da população também não jogavam bola, pode-se analisar que na época o futebol era tratado como um esporte das classes mais altas da sociedade.

De acordo com Rodrigues Filho (2008) mesmo após o futebol ter se expandido e passado a ser praticado em todas as camadas da sociedade, os direitos entre negros e brancos eram diferentes em relação ao desporto futebolístico, pois as mesmas regras como falta e penalidade eram interpretadas pelos árbitros de maneira diferente de acordo com a etnia dos jogadores. Sobre este fato Mauricio Murad (1994) argumenta:

Quando começaram a jogar futebol por aqui, os negros não podiam derrubar, empurrar ou mesmo esbarrar nos adversários brancos, sob pena de severa punição: os outros jogadores e até os policiais podiam bater no infrator. Os brancos, no máximo eram expulsos de campo. Esta redução de espaço dentro das “quatro linhas”, subproduto de sua situação social, obrigou os negros a jogarem com mais ginga, com mais habilidade, evitando contato físico e reinventando os espaços. (MURAD, 1994 p. 188)

Em Parnaíba, cidade localizada no litoral do estado do Piauí, situada às margens do Rio Igarauçu (primeiro braço do Rio Parnaíba) o futebol chegou à localidade através de Septimus Clark e Zeca Correia ainda no século XX onde logo o esporte se “espalhou” em diversas comunidades da “Capital do Delta”.

O Ferroviário Atlético Clube o popular “Ferrim” ou “Esquadrão da Central” é o objeto principal do meu trabalho. Esse time foi formado por trabalhadores e funcionários da ferrovia em 1946 e teve um papel fundamental na interação dos operários pelo fato de que o clube amador servia acima de tudo como meio de confraternização entre trabalhadores ferroviários e suas famílias, isso foi constatado por mim através das entrevistas realizadas com antigos e atuais sócios do clube que se recordam do convívio existente entre os ferroviários e seus parentes na equipe futebolística.

Um dos espaços característicos da história do “Ferrim” é a sede localizada na Avenida São Sebastião onde atualmente funciona a academia Evolução e por muito tempo foi palco de memoráveis festivais carnavalescos, convenções partidárias e outras festividades comunitárias.

Dentre as várias equipes de futebol de Parnaíba achei viável pesquisar o “Ferrim” pelo fato do time ter sido formado por trabalhadores da antiga Estrada de Ferro Central do Piauí, sendo assim, podemos caracterizar o Ferroviário de Parnaíba como um time proletário que durante as partidas de futebol amador na cidade costumava jogar com outros clubes suburbanos e também com equipes elitistas.

Destaco que em minha pesquisa uso a história oral, mais precisamente quando coloco em ênfase as entrevistas com pessoas que pertenciam ou ainda mantém relações

com o Ferroviário de Parnaíba. No meu trabalho analisei teóricos que retratam o uso de imagens na História, é o caso de Cecatto (2012) e Mauad (1996) e autores que falam de memória e oralidade como Pollak (1992) e Joutard (2000).

O recorte temporal usado em meu trabalho que é de 1950 a 1970 foi escolhido pelo fato de que na época não tinha o futebol profissional em Parnaíba, por esse motivo atribuo o período ao auge do desporto futebolístico amador na cidade pois não havia a concorrência direta de grandes clubes do eixo Rio-São Paulo.

No capítulo I coloco em pauta o crescimento das linhas férreas durante o Governo de Getúlio Vargas, pois a medida que o trem se expandia o futebol era conhecido em locais diferentes do país, enfatizo que Vargas usou o desporto futebolístico para fins políticos e interesses pessoais.

Nesse capítulo também destaquei equipes que foram formadas semelhantemente ao “Ferrim” de Parnaíba, em minha pesquisa achei interessante colocar esses clubes situados em regiões distintas do Brasil para demonstrar que esse “fenômeno” ocorreu sem respeitar os limites geográficos e em épocas distintas, sendo assim citei da Região Nordeste o Ferroviário de Fortaleza, clube que atualmente disputa o futebol profissional e conhecido em toda região por ser a terceira força do futebol cearense atrás do Fortaleza e do Ceará; da Região Sudeste coloquei em evidencia o futebol ligado aos trabalhadores ferroviários na cidade de Rio Claro-SP, o qual a equipe destacada foi o GRECPEF um dos formadores do atual Rio Claro Esporte Clube; e no Sul do Brasil pesquisei o Operário Ferroviário de Ponta Grossa-PR, o “fantasma” como é conhecido, atualmente disputa o Campeonato Paranaense de futebol profissional e é visto como “o orgulho” dos pontagrossenses.

No capítulo II destaco a vinda do futebol para Parnaíba e as pessoas que trouxeram esse jogo. Analiso o crescimento do desporto futebolístico na cidade, os locais onde os jogos eram disputados, além de falar sobre a criação do Ferroviário de Parnaíba colocando em pauta os fundadores do clube, a importância da equipe para o futebol amador na época e a relação que a sede da equipe tinha com os ferroviários e a sociedade parnaibana.

No capítulo III faço o uso da história oral onde em entrevista com ex-jogadores, antigos e atuais sócios do clube, evidencio as questões sociais que o “Esquadrão da Central” tinha na comunidade parnaibana. Analiso como era a rotina tanto no time, quanto na sede do clube e posteriormente as festividades que eram realizadas no local. Destaco quais os jogadores fizeram sucesso na equipe, a visão desses entrevistados em

relação a atual situação do futebol em Parnaíba comparado com antigamente na época em que considero como auge do futebol amador na cidade e problematizo a vinda do futebol profissional para Parnaíba e a consequência para os times suburbanos.

De fato, que o profissionalismo do futebol que citei anteriormente tem a ver com o capitalismo. A respeito disso o historiador Franco Junior (2007) retrata o termo “espetacularização” do futebol, onde o capitalismo se apropriou do esporte para fins lucrativos onde tem uma grande relação com a profissionalização do mesmo e ambos contribuíram para o aumento do significado social desse esporte em diversos Estados-nações.

Atualmente o “Esquadrão da Central” é uma equipe profissional ligada a Federação de Futebol do Piauí (FFP) onde disputa a Segunda Divisão do Campeonato Piauiense desde 2016, o clube mantém um time de base para revelar novos valores para o futebol.

No que diz respeito à área social, o clube faz pequenas reuniões na quadra de esportes, pois o salão principal está alugado para a Academia Evolução, sendo a principal renda do Ferroviário.

A profissionalização do “Ferrim” pode significar o fim do monopólio futebolístico profissional da cidade desde que o Paysandu conhecido como “Brasinha” encerrou suas atividades por causa de problemas financeiros. Pode-se destacar que o Ferroviário de Parnaíba é o único time profissional proveniente da classe trabalhadora da cidade, já que tanto o Parnahyba quanto o antigo Paysandu são de origem elitista.

O meu trabalho foi fundamental pelo fato de colocar em ênfase um tema pouco discorrido na academia que é o futebol e atrela-lo com outros objetos da História como a identidade e a política, pois é através de um esporte antes elitizado e hoje popular mesmo com as intervenções do capitalismo, que se pode compreender as sociabilidades e vivências de grupos de pessoas ou trabalhadores como era o caso dos operários da ferrovia.

CAPITULO I – A EXPANSÃO DO TREM NO TERRITÓRIO BRASILEIRO E A RELAÇÃO COM A CRIAÇÃO DE CLUBES FERROVIÁRIOS

Neste primeiro capítulo destacarei a relação entre o crescimento das linhas férreas ao longo do território brasileiro com a expansão do desporto futebolístico em varias localidades do país. Coloco Getúlio Vargas como incentivador da pratica desse esporte pelo Brasil principalmente pelas classes subalternas, pois antes o futebol era praticado somente pela elite.

Defino que Vargas tinha interesses no futebol por motivos políticos e isso aumentava a popularidade perante a sociedade na época, pois ele usava Estádios para seus discursos principalmente no Dia do Trabalho o qual era realizada festas para a população e partidas futebolísticas além da presença do próprio presidente.

Aponto alguns clubes pelo Brasil que surgiram no mesmo contexto que o Ferroviário de Parnaíba independente do período que foram criados onde os trabalhadores das ferrovias fundaram essas agremiações, algumas dessas equipes permanecem em atividade até hoje como times profissionais.

1.1 - A Era Vargas e a relação com a popularização do futebol e o crescimento da ferrovia

O Governo de Getúlio Vargas foi marcado pelo crescimento das ferrovias em vários locais do Brasil, deste modo é possível enfatizar que a construção de novos trilhos se tornaram espaços de sociabilidades e confraternização dos funcionários das estradas de ferro. Pode-se dizer que a relação dos trabalhadores foi fundamental não somente na área de serviço, mas na hora do lazer é aí que o futebol se envolve nessa relação com a rede ferroviária.

O pesquisador Ricardo Pelinson Ferreira (2008) enfatiza que durante o Governo Vargas houve uma aceleração no processo de industrialização mesmo após as consequências da crise de 1929, com isso houve uma diminuição da capacidade de importar por causa da crise e um incentivo de capital na troca da lavoura em crise pela indústria. Vargas estimulou o desenvolvimento da rede de transportes para interligar as pessoas com as cidades e as mercadorias. A atenção para a legislação trabalhista e apoio aos operários também fizeram parte do governo populista de Vargas.

Destaco que coloco o Governo Vargas não como indutor da pratica do futebol no Brasil, mas como incentivador através das políticas populistas de Getúlio, pois em

várias esferas da sociedade fazia desse esporte um aparelho que moldava as pessoas a enaltecer o “pai dos pobres”.

Nas ferrovias é importante ressaltar que as sociabilidades provenientes dos funcionários eram além do trabalho como na relação familiar entre os operários e principalmente em eventos e festividades que eram as confraternizações dos trabalhadores. Sendo assim um esporte que ganhou força como o futebol foi fundamental para o lazer dessas pessoas, fazendo surgir assim equipes amadoras onde algumas delas chegaram a profissionalização.

Para o Historiador Marco Antonio Bettine de Almeida (2010) a estrada de ferro tem um importante papel na disseminação dos novos pensamentos, porque tem como fundamento o encontro de pessoas de diferentes regiões. Este sincretismo cultural possibilitou além de novos pensamentos políticos, econômicos e sociais, a prática do esporte.

Sendo assim é possível enfatizar que tanto em outras regiões do Brasil onde o transporte ferroviário foi sendo implementado pelo Governo Vargas como depois no Nordeste do Brasil as relações entre os trabalhadores onde muitos tinham origem em outros estados possibilitou a disseminação do desporto futebolístico. Destaco que essa influência também pôde ocorrer no próprio estado relacionado ao futebol e ferrovia onde o principal exemplo é a criação do Ferroviário Atlético Clube de Floriano em 1º de maio de 1950.

No que diz respeito a forma de como o desporto futebolístico foi usado através do Governo Vargas para atrair a atenção dos brasileiros o historiador Mauricio da Silva Drumond Costa (2006) destaca a associação entre o futebol e o Estado. A respeito disso ele fala:

É com essa associação entre esporte e Estado que o futebol se torna peça fundamental na propaganda do governo getulista. Esportes como o atletismo, a natação e o tênis não despertavam a mesma paixão que o velho jogo inglês. Getúlio Vargas percebia o poder do futebol sobre o povo (COSTA, 2006 p. 109).

Também de acordo com a pesquisadora Kelen Katia Prates Silva (2016), o futebol havia se tornado a maior paixão entre as camadas populares, e antes de sua regulamentação, em abril de 1941, ele sofre várias interferências do Estado. O maior interesse de Getúlio no esporte era a influência que o futebol tinha sobre as massas, a popularidade do esporte se apresentava como um novo meio para propagar a ideologia oficial. Sobre esse aspecto Mauricio Drumond (2009) fala:

O esporte atuaria então como mais um elo de contato entre o governo e as massas. Atuando junto ao sentimento nacional, ele projetaria uma imagem de sucesso internacional da “raça” pátria. O sucesso da Copa de 1938 fez o governo enxergar os fracassos de 1932, 1934 e 1936 e perceber o potencial simbólico a ser aproveitado. (DRUMOND, 2009 p. 234)

Silva (2016) também enfatiza que Getúlio Vargas fez uso do futebol como ferramenta de propagação de ideais políticos entre as massas. Podemos notar que a imprensa foi um importante veículo de propaganda e controle das massas utilizado por Vargas, e serviu também para popularizar a ideia do Brasil como o “país do futebol”.

Na formação da identidade nacional e do nacionalismo durante o governo getulista o futebol é apresentado nos jornais como uma unidade em harmonia, sem conflitos e sendo um esporte coletivo. O esporte das massas torna-se o reflexo da unidade que se buscava no Brasil durante a Era Vargas. O futebol e a política se entrelaçam neste período e a imprensa que era controlada pelo Estado tem o papel de disseminar o “país do futebol” autêntico, singular e com identidade própria.

Figura 1: A visita de Getúlio Vargas a São Paulo no Estádio do Pacaembu.



Fonte www.aeravargaseofutebol.com acesso em 26/08/2016

Nesta imagem é possível analisar a ligação entre Getúlio Vargas com o futebol. O jornal sediado no estado de São Paulo destaca a visita dele a capital paulista em especial ao Estádio do Pacaembu local que seria usado para seus discursos políticos e tinha capacidade de aglutinar maior quantidade de pessoas.

O pesquisador Rodrigo Koch (2012) destaca que no período varguista, a mídia mais precisamente o rádio recebeu incentivos federais para transmitir o maior número possível de jogos de futebol em sua programação dos finais de semana. A mídia passava

a contribuir para a difusão acelerada do futebol em território brasileiro, dando maior atenção aos clubes do Rio de Janeiro, então capital federal. Durante muitos anos, as torcidas dos times cariocas foram destacadas de norte a sul do Brasil graças as ondas sonoras da Rádio Nacional, que penetravam todo o território e difundiam os valores de Flamengo, Vasco, Botafogo, Fluminense e América.

Deste modo é possível refletir a respeito da forma que vários clubes amadores foram sendo criados ao longo do território nacional tanto com nomes de equipes do Rio de Janeiro e logo depois São Paulo, como pelos símbolos de muitas equipes que pareciam com os clubes do eixo Rio-São Paulo.

De acordo com o historiador Drumond (2009) o golpe do Estado Novo (1937), mantendo Vargas no poder, se valeria também do futebol para consolidar o novo regime. Com a presença dos melhores jogadores do país na seleção, o terceiro lugar obtido na Copa do Mundo da França em 1938 revelou o Brasil para o mundo e provavelmente começava assim a íntima relação entre futebol e identidade brasileira.

Pode-se dizer que foi a partir da Era Vargas que a relação do futebol com a ideia de patriotismo e nacionalidade começou a ter ênfase na sociedade brasileira. É importante analisar que a fama do Brasil como “país do futebol” foi uma construção obtida através dos resultados das grandes seleções canarinhas nas Copas do Mundo além desse esporte ser o mais popular no território nacional.

De acordo com a historiadora Melina Nóbrega Miranda Pardini (2009) no esforço de concretizar o Estado Nacional, o governo varguista associou a identificação política com a futebolística.

A prática futebolística proporciona experiências ritualísticas que conferem uma realidade palpável aquilo que, de outro modo, seria uma comunidade imaginada. Sobre esse aspecto Eric Hobsbawn (2008) enfatiza:

Entre as guerras, porém, o esporte internacional tornou-se, como George Orwell logo notou, uma expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus Estados ou nações expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas (...) O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A comunidade imaginária de milhões de pessoas parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo da sua nação. (HOBSBAWN, 2008 p. 20)

Através dessa afirmação apresentada pelo historiador Hobsbawn (2008) é possível compreender a força que o esporte, mais precisamente o futebol tem para disseminar pensamentos nacionalistas perante a população. Foi deste modo que Getúlio Vargas manteve sua política populista influenciando principalmente as classes mais pobres, pois ele queria se manter no poder e precisaria de forte popularidade.

Pardini (2009) adverte que apesar do empenho de Vargas em constituir uma política desportiva no Brasil, o esporte nacional não conseguiu consagra-se internacionalmente durante o Estado Novo, pois com a Segunda Guerra Mundial grande parte dos jogos foram suspensos.

Pardini (2009) também enfatiza que com a declaração brasileira de guerra, em 1942, os clubes ligados às colônias italianas e alemãs, como Palestra Itália e Germânia de São Paulo, sofreram graves intervenções do Conselho Nacional de Desportos (CND), além de serem hostilizados pelas torcidas adversárias, que os consideravam como “inimigos da pátria” e “súditos do eixo”.

Destaquei esses pontos ligados a Segunda Guerra Mundial que cancelou vários jogos do mundial para colocar em pauta sobre o que disse anteriormente, a respeito de que o Governo de Getúlio Vargas foi o indutor da expansão do futebol no Brasil, pois somente depois o esporte foi ganhando cada vez mais popularidade e chegando a todas regiões do país principalmente através da junção de trabalhadores para competir em fabricas, comércios e na construção de ferrovias.

Uma das formas de analisar o quanto Getúlio Vargas se apropriava do futebol para fins políticos era o uso de Estádios para seus discursos perante os trabalhadores, evento na maioria das vezes realizada na capital Rio de Janeiro seguida por grande festa e jogos de futebol, o qual “o pai dos pobres” chegava em carro aberto e fazia voltas no São Januário (Estádio do Vasco da Gama) acenando para a multidão, seguido de discurso político juntamente com seus ministros.

Esses discursos eram referentes ao dia 1º de maio, o Dia do Trabalho. De acordo com matéria publicada pelo site História do Esporte em 1940, a festa do Primeiro de Maio é levada para o Estádio de São Januário. Cerca de quarenta mil pessoas (números do JB de 03 mai 1940, p. 9) se deslocam para o estádio de São Januário em bondes e ônibus gratuitos, de linhas especialmente montadas para o evento. O evento iniciava às 15 horas com a entrada triunfal de Vargas em carro aberto, dando uma volta olímpica no campo, saudando o público presente. Depois, o discurso do ministro do Trabalho, Valdemar Falcão, foi seguido pela apresentação da Canção do Trabalhador, cantada por

Carlos Galhardo, uma das maiores estrelas do rádio da época. Muitas outras cerimônias se seguiram até o discurso de Getúlio. Nele, o Presidente decreta finalmente o salário mínimo, assinando o Decreto-lei em pleno estádio, juntamente com Valdemar Falcão¹. Logo depois, Vargas deixa o estádio e a programação tem continuidade.

Figura 2: Vargas acenando para a multidão no Estádio de São Januário.



Fonte www.historiadosporte.com acesso em 29/08/2016

Essa imagem representa Vargas acenando para os trabalhadores durante as comemorações do Dia do Trabalho no Estádio de São Januário no Rio de Janeiro o qual esse Estádio do Vasco foi palco de muitos discursos políticos na época, mais precisamente do lado governista.

Ao analisar a imagem de Getúlio Vargas em pleno Estádio de São Januário lotado é crucial destacar a importância desse acontecimento que foi noticiado na época pela mídia. Interessante lembrar que imagens como essa juntamente com outros documentos como jornais só alimentavam o populismo do presidente. A respeito dessa forma de ver imagens com outros documentos o pesquisador Adriano Cecatto (2012) fala:

Os registros históricos por meio de imagens têm proporcionado o confronto e diálogo com outros documentos, contribuindo com o uso da linguagem visual no ensino dessa disciplina. O uso de imagens tem possibilitado novas reflexões metodológicas, e isso se deve ao intercâmbio epistemológico promovido pela interdisciplinaridade. (CECATTO, 2012 p. 04)

De fato, que a imagem retratada anteriormente de Vargas no Dia do Trabalho é alvo de diferentes interpretações por historiadores pois ela é usada para novas pesquisas.

¹ Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio no Governo Getúlio Vargas, de 1937 a 1941.

CECATTO (2012) enfatiza que as imagens são fontes ricas e repletas de possibilidades, desde que forjada adequadamente, levando em consideração as suas fragilidades. São registros com os quais se devem estabelecer diálogos contínuos.

Ao refletir a respeito do populismo de Getúlio Vargas e sua “aproximação com o povo” é difícil não pensar nas frases do pesquisador CECATTO (2012) que atribui a imagem a um documento que gera sentimentos para aqueles que a veem. No que diz respeito essa afirmação ele ressalta:

Mais do que o texto, a imagem tem o poder de fixação que ao longo do tempo porta-se com fascínio e evocação: seduzem, cativam e encantam; comunicam, prendem o leitor, emocionam. Esse fascínio tem envolvido historiadores em busca de aventura num mar revolto, inseguro muitas vezes para se navegar, porém, com possibilidades ilimitadas de leituras do mundo. (CECATTO, 2012 p. 09)

O site História do Esporte também ressalta que 1952 veria a última festa a ser realizada por Vargas no estádio do Vasco da Gama, no Dia do Trabalho. Ainda que o Maracanã já estivesse em pleno uso, a ligação simbólica de São Januário com Getúlio tornava-o o local mais propício à celebração do evento. A parte esportiva contou com jogos de futebol e com uma apresentação de basquete dos Harlem Globe-Trotters, seguidos de um show de músicas populares. A festa ainda contou com a entrega, por parte de Vargas, de medalhas de ouro e de diplomas de Mérito do Trabalho aos jogadores da seleção brasileira campeã do Pan-americano do Chile. Os dois anos seguintes seriam anos críticos para o governo de Vargas, que se suicidaria em agosto de 1954.

Pode-se constatar que não só o Governo Vargas, mas bem como os demais que o sucederam a exemplo da ditadura militar usaram o esporte futebolístico para fins políticos e nacionalistas, ideologias que permanecem vivas até hoje em nossa sociedade, pois de fato parece que as pessoas se sentem “mais patriotas” durante a Copa do Mundo, quando a Seleção do Brasil joga com equipes estrangeiras.

1.2 – O movimento de criação de clubes ligados a trabalhadores das ferrovias brasileiras

Na minha pesquisa procurei destacar o surgimento de vários times de futebol ligados a operários que são responsáveis pela construção das estradas de ferro em todo território nacional, sejam eles clubes profissionais ou amadores, mas que tenham ligação com o trabalho nas ferrovias.

Deste modo pode-se destacar alguns clubes que se formaram com a necessidade de “entretenimento” dos trabalhadores onde eles se organizaram e faziam torneios durante os fins de semanas e folgas nos trabalhos das ferrovias. Posso analisar que além de operários das estradas de ferro outros trabalhadores também criaram clubes de futebol como funcionários de indústrias e pequenos comerciantes.

Os clubes que destacarei nesse capítulo são de diferentes regiões do país, porém tiveram semelhanças no que diz respeito a seus surgimentos, sendo assim os times pesquisados são o *Operário Ferroviário de Ponta Grossa/PR*, o *GRECPEF de Rio Claro/SP* e o *Ferroviário de Fortaleza/CE*.

Outro ponto a ser destacado perante esses times que citei anteriormente é que seus surgimentos variam de acordo com a chegada da ferrovia em locais diferentes do país. A criação desses clubes não tem relação com o surgimento do Ferroviário de Parnaíba porém o modo de como essas equipes foram sendo formadas foram semelhantes com o “Ferrim” do litoral piauiense, pois eram times compostos por trabalhadores das ferrovias que no começo competiam com outras equipes de suas localidades apenas como diversão, entretenimento e confraternização. O recorte referente essa pesquisa varia de acordo com o movimento de criação desses clubes ferroviários através da chegada das linhas férreas, mesmo assim pode-se compreender a relação do trabalhador da ferrovia com a criação de equipes de futebol ao longo do interior do Brasil.

Em sua pesquisa sobre times que surgiram durante a instalação de ferrovias pelo Paraná Edvander Ramalho dos Santos (2012) enfoca o *Operário Ferroviário Esporte Clube* time fundado em 1912 e a sua história, que é contada juntamente com a história da ferrovia em Ponta Grossa/PR, o estádio da agremiação era denominado *Germano Krüger* que fica próximo às instalações da ferrovia, é um “lugar-distinto”, tanto por se caracterizar como a principal arena de espetáculos futebolísticos da região como também por ser um lugar de memória.

Conhecido carinhosamente como “Fantasma da Vila”, essa agremiação possui representatividade tão significativa para Ponta Grossa e região que até mesmo quem declara não gostar de futebol sente a sua presença no cotidiano social, como no que diz respeito o sentimento dos moradores que considera a equipe um orgulho da cidade de Ponta Grossa. De fato, que esse time é tão importante para os pontagrossenses que se profissionalizou e permanece na elite do futebol paranaense até hoje.

Figura 3: Símbolo atual do Operário Ferroviário de Ponta Grossa.



Fonte: www.simbolodooperarioferroviario/imagens.com acesso em 26/10/2015

O pesquisador Miguel Archanjo de Freitas Junior (2000) ressalta que o Operário Ferroviário foi sendo formado ao mesmo tempo em que a cidade se consolidava em torno da ferrovia que estava sendo construída em sua volta. A construção da estrada de ferro atraiu muitos imigrantes para Ponta Grossa, sendo estes fatores significativos para o desenvolvimento estrutural da cidade.

Freitas Junior (2000) ainda fala que dentro do cenário esportivo brasileiro a presença do imigrante foi fundamental para a introdução do futebol no interior dos clubes sociais existentes nos grandes centros urbanos. Em Ponta Grossa esta situação se repete, tanto que após o início da ferrovia o futebol só começa a ser praticado 13 anos mais tarde, no mesmo momento em que a cidade começa a se “modernizar” com o surgimento da luz elétrica em 1905, a construção do cinema em 1906, a construção da 1ª madeireira (Serraria Olinda) do Estado fundada em 1906, e principalmente a forte presença dos imigrantes atraídos pela possibilidade de empregos diretos e indiretos gerados pela ampliação da estrada de ferro.

Para Santos (2012) o Operário Ferroviário além de apresentar simbologia própria, apresenta ainda simbologia associada à ferrovia no Brasil pois é uma agremiação esportiva que surge da intenção dos trabalhadores ferroviários num período áureo da ferrovia brasileira. Assim, a interconexão do clube em tela com as ferrovias reforça a hipótese de sua configuração como patrimônio cultural.

Figura 4: Operário Ferroviário amador.



Fonte: www.fotosantigasoperáriopr/imagens.com acesso em 26/10/2015

Em sua pesquisa Santos (2012) pretendeu investigar um clube de futebol centenário que está associado a um dos principais patrimônios culturais do Brasil: a Ferrovia. Assim, priorizou uma análise sobre o prisma cultural, compreendendo a representatividade, as memórias, as narrativas e a força sócio espacial que o Operário acumulou ao longo de sua história e vem influenciando na organização do espaço urbano da cidade de Ponta Grossa. Sobre este fato Santos (2012) enfoca:

A história da propagação do futebol no Brasil associa-se a história da implantação da ferrovia a partir da metade final do século XIX. As ferrovias tiveram papel crucial, pois os engenheiros ferroviários e outros trabalhadores ingleses que vieram ao Brasil, na construção das primeiras estradas férreas, contribuíram para a disseminação do esporte no país. (SANTOS, 2012 p. 58)

Santos (2012) ainda ressalta que no Brasil foi comum a criação de equipes de futebol por ferroviários onde muitas equipes que foram criadas apenas para as confraternizações em finais de semana se tornaram clubes oficiais.

O pesquisador Santos (2012) critica a falta de preservação das linhas férreas no país em particular no estado do Paraná, onde ele destaca que a falta de investimentos na ferrovia também ocorre em muitas cidades do Brasil, cujo o patrimônio cultural ferroviário sofre o descaso dos poderes públicos e das instituições de transporte ferroviário que deveriam preservar esse patrimônio: a Rede Ferroviária Federal Brasileira SA e a América Latina Logística (empresa que cuida da estrutura ferroviária no Paraná, pós-privatização). Assim, muito desse patrimônio já foi demolido, abandonado à ação do tempo ou descaracterizado por mau uso. A respeito disso ele ressalta:

(...) a valorização do Operário Ferroviário torna-se ainda mais relevante. Por ser fruto das ferrovias, o clube em tela, ainda nos dias de hoje, carrega traços e características que remetem diretamente a memória ferroviária. Assim, o Operário ao fazer parte da simbologia ferroviária, é um dos patrimônios culturais da ferrovia. Portanto, preservar e valorizar o Operário Ferroviário Esporte Clube é também preservar a memória ferroviária. (SANTOS, 2012 p. 59)

Santos (2012) também ressalta que embora o Operário Ferroviário se caracterize como uma equipe de futebol e um patrimônio cultural, essa dualidade nem sempre é simultaneamente reconhecida por todos. Todavia, essas duas frentes de representações ampliam a parcela da sociedade que exige a preservação desse patrimônio. Além daquelas pessoas que compreendem a necessidade da manutenção da história, há aqueles que, mesmo muito mais ligados ao futebol, contribuem para a preservação da cultural local.

Freitas Junior (2000) fala que Operário Ferroviário Esporte Clube em 1956 formou uma equipe profissional e no mesmo ano se tornou o campeão do interior, disputando em condições de igualdade com os times da capital e sendo praticamente imbatível no seu estádio em Vila Oficinas, onde era empurrado aos sons de apitos de trens e buzinas de caminhões. Neste ano o campeonato paranaense teve o seu início retardado em quase dois meses devido as divergências ocorridas entre os clubes da capital e os clubes do interior, principalmente pelas dificuldades financeiras que as equipes do interior apresentavam quanto ao pagamento de sua locomoção, estadia e divisão de rendas. Após muita negociação chegou-se ao consenso que a renda do jogo seria sempre do clube mandante e que os clubes do interior teriam direito as despesas de transporte e estadia na capital que seriam retiradas da renda do jogo.

Em sua pesquisa Santos (2002) enfoca que o Operário Ferroviário, ao longo de um século, acumulou diversos simbolismos e traços culturais peculiares. Foram diversas as modificações sociais, espaciais e culturais que o clube contribuiu no cotidiano da sociedade de Ponta Grossa, constituindo-se num importante elemento no processo de criação e manutenção da identidade local, o símbolo do clube fantasma retratado nos jogos do time e no comercio.

Freitas Junior (2000) enfatiza que o Operário Ferroviário Esporte Clube assume o profissionalismo em um momento no qual ele vivia uma fase bastante promissora, começando a participar do campeonato estadual paranaense no ano de 1955. Várias matérias presentes nos jornais indicam que este momento deixou saudades para os torcedores desta equipe, pois até aproximadamente meados da década de 60 as equipes

montadas sob a tutela das Ferrovias, serviam de exemplo para o modelo profissional que buscava ainda a sua configuração.

No estado de São Paulo a ferrovia também foi crucial para o desenvolvimento da economia local, sendo assim trabalhadores se articularam para fundar times de futebol que começaram no amadorismo. Era sobretudo uma forma de interação entre os trabalhadores em que a competição era muito forte.

Muitas cidades de São Paulo se destacaram no que diz respeito a expansão das linhas férreas. Rio Claro, município situado no interior paulista também teve seu papel importante na economia do estado. Assim clubes ferroviários se originaram nesse período formando competições principalmente aos finais de semana.

O pesquisador Américo Valdanha Netto (2010) destaca que ferrovia e futebol são temas que sempre despertaram sentimentos variados e ao mesmo tempo muito próximos. Os trens trazem às pessoas uma melancolia, que sempre remonta a um passado nostálgico. As ferrovias estão presentes, por vezes, em cenas de filmes, principalmente despedidas, onde os trilhos elevam a um tempo bom na memória das pessoas. Já o futebol tem o poder de parar multidões à frente de um aparelho de rádio ou televisor, tamanho seu poder de sedução, desta forma, ferrovia e futebol são temas que despertam emoções.

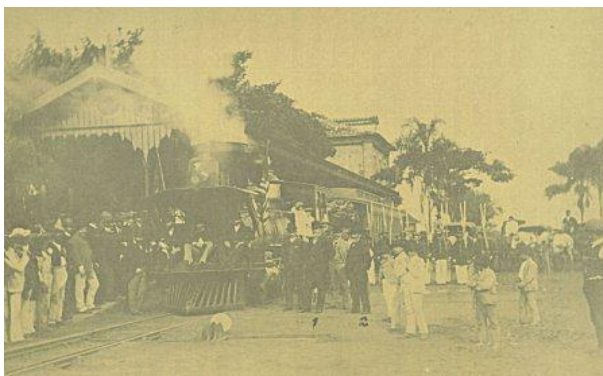
Valdanha Netto (2010) destaca que foram os times de várzea e clubes, que se apresentavam como esses locais de socialização, e passaram a se destacar no cotidiano das cidades paulistas. Nas fundações dos clubes, estão presentes funcionários das estradas de ferro que cortavam o estado, e empresários das ferrovias, ou não, pois empresários de outros ramos passaram a se interessar pelo crescimento do esporte e suas possibilidades.

O pesquisador Marcelo Diego Tonini (2007) ressalta que a Cia. Paulista, através de seus funcionários-chefes, resolveu incentivar práticas de lazer entre os seus numerosos trabalhadores. Foi com este intuito que se fundou, em 1896, o *Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF)*. Entre as atividades promovidas pelo Grêmio, ao longo dos primeiros anos, estavam uma banda de músicos, danças e jogos de salão e um time de futebol. Este registro permite-nos frisar o papel preponderante assumido pelo ferroviário na difusão do futebol pelo interior paulista e na formação deste esporte na cidade de Rio Claro. Em pouco tempo, todos os ferroviários, com funções das mais variadas dentro da Cia. Paulista, puderam

associar-se ao Grêmio e desfrutar dos benefícios oferecidos. No entanto, apenas os altos funcionários da Cia. Paulista compunham a direção da agremiação.

Ainda segundo Tonini (2007) o final do século XIX marca a formação de um parque industrial na cidade de São Paulo onde bairros operários se formam. A ferrovia não estava dissociada deste contexto, assim a São Paulo Railway Company² (SPR) agremia para suas dependências funcionários de várias procedências, principalmente imigrantes italianos, que trarão as discussões políticas e serão responsáveis pela formação das primeiras agremiações sindicais do país. Esta questão se torna ainda mais significativa quando se contempla a realidade do trabalhador da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF) e a importância do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF) nas atividades do tempo livre dos trabalhadores da empresa.

Figura 5: Estação Ferroviária em Rio Claro mostrando a chegada do trem.



Fonte: www.ferroviarioclarosp/imagens.com acesso em 27/10/2015

Tonini (2007) enfatiza que numa época em que o futebol no Brasil era marcado pelo amadorismo, a condição de operário-jogador mostrou-se como um avanço na ligação entre o clube e o atleta. Muitos jogadores mantiveram vínculos com indústrias apenas de modo a justificar o salário que recebiam no final do mês, uma vez que o único papel de sua responsabilidade era treinar e disputar partidas de futebol pelo clube da empresa.

Tonini (2007) também ressalta que o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro não foi o primeiro time de futebol a ser “montado” na cidade de Rio Claro sobre isso ele diz:

² A The São Paulo Railway Company foi uma empresa inglesa que construiu e administrou o trecho da ferrovia Santos-Jundiaí, de 1860 a 1946.

O primeiro clube rio clarense destinado especificamente à prática futebolística foi o Pery Foot Ball Club, fundado em 1902, época em que havia pouquíssimos clubes de futebol pelo Brasil, o que nos instiga bastante sobre o processo de introdução deste esporte na cidade de Rio Claro. Ao menos um ferroviário, Celso de Lima, que já havia participado do time gremista, atuava nos quadros dessa equipe. Outro importante clube da cidade da década inicial do século XX é o Anhangás Foot-Ball Club, cuja origem é de 1906. Esta agremiação foi criada pelos moradores do bairro Jardim Cidade Nova, localizado atrás da linha férrea da estação de Rio Claro e que era composto por inúmeras famílias de operários da Cia. Paulista. Por conta disto, é muito provável dizer que o time foi formado pelos próprios funcionários da ferrovia e, sendo assim, deve ter sido o primeiro clube operário do futebol rio clarense. (TONINI, 2007 p. 03)

Valdanha Netto (2010) enfoca que o *Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF)* foi um clube da cidade de Rio Claro, fundado em 05 de agosto de 1896, o GRECPEF, se apresenta como o principal clube esportivo e social na cidade do interior paulista. Esta condição foi alcançada ao longo de sua história, quer seja por ser o local de atendimento ao tempo livre do trabalhador rio-clarense, inicialmente representado pelos funcionários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a maior parte da população de Rio Claro no início do século XX, quer seja ainda por suas influências no desenvolvimento do esporte na cidade, que podendo ser apontado como exemplo, a fundação do Rio Claro Futebol Clube, em 1909.

Figura 6: Jogadores do GRECPEF em fotografia antes de uma partida de futebol.



Fonte: www.futebolamadorderioclarosp/imagens.com acesso em 27/10/2015

Valdanha Netto (2010) também destaca que o GRECPEF foi um ícone para as atividades de tempo livre do trabalhador ferroviário e do não ferroviário. Ao longo de seus 112 anos, o clube permanece com raízes ferroviárias, sendo um ponto de encontro

para gerações de trabalhadores da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF) e da Ferrovia Paulista Sociedade Anônima (FEPASA), mas, desde os anos de 1960, o crescente número de associados que não têm relação com a ferrovia ganha espaço e leva para outros lugares do Município rastros da cultura "Gremista" (como é conhecido o associado do clube). Esse fato atual, agregado à construção histórica da sociedade rio-clarense, sugere que o GRECPEF tenha significativa importância e influência na construção de uma cultura de tempo livre em Rio Claro.

Tonini (2007) adverte que a Cia. Paulista teve um papel significativo na introdução do futebol na cidade de Rio Claro. Mais do que isso, ela participou, direta e indiretamente, da formação de inúmeros clubes do futebol rio clarense que foram surgindo ao longo das três primeiras décadas do século XX. Através dos ferroviários, o “jogo da bola” tomou novas proporções na sociedade, deixou de ser apenas um lazer restrito aos finais de semana para se tornar num esporte competitivo e divulgado pela imprensa. Ao popularizar-se, o futebol saiu dos trilhos e ganhou a cidade.

De fato, que o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF) teve um papel fundamental para o futebol rio-clarense pois a sociedade da cidade via no clube divertimento, lazer e entretenimento, além de ter a participação de jovens da sociedade que eram “apaixonados” pelo futebol, porém a profissionalização do desporto futebolístico fez com que os operários saiam de cena e entre os jogadores profissionais e empresários do esporte que só vislumbram o lucro.

O GRECPEF foi quem formou o atual Rio Claro Futebol Clube, um dos únicos times profissionais da cidade, juntamente com o Velo Clube e que fazem parte da Federação Paulista de Futebol (FPF), porém pode-se analisar a diferença entre o futebol amador de antes e o profissional de hoje, até os torcedores que frequentam os estádios mudaram, antes o futebol era visto pelas classes mais baixas como um “esporte popular”, atualmente as classes médias e altas são quem mais frequentam os estádios por causa do alto preço dos ingressos, isso não quer dizer que os trabalhadores não vão a partidas de futebol mas tendem com menos frequência aos jogos.

Um dos clubes mais populares do estado do Ceará também surgiu devido à expansão das linhas férreas, trata-se do *Ferrovário Atlético Clube de Fortaleza* conhecido como “Ferrão” sendo uma das grandes forças do futebol cearense perdendo apenas para as agremiações do Ceará e Fortaleza, porém, assim como outras equipes nasceu no amadorismo.

Segundo Caio Lucas Moraes Pinheiro (2013) este ressalta que em 1933 foi o ano em que surge no estado do Ceará o Ferroviário Atlético Clube, clube de origem proletária em que seu surgimento retrata outra perspectiva da origem elitista do futebol, o qual as camadas mais pobres da população foram as que intensificaram a prática do desporto na capital cearense, sobretudo nos locais de trabalho.

O pesquisador Rodrigo Márcio Souza Pinto (2007) fala que o futebol proletário estava deflagrado nos arredores da cidade de Fortaleza, diante da perspectiva de um Estado politicamente engajado em aproximar-se dos trabalhadores. As práticas culturais passaram a diminuir as discrepâncias em torno dos seus usos, essas práticas eram diacrônicas devido a seu caráter social.

Pinto (2007) também enfatiza que o futebol se associou cada vez mais ao mundo do trabalho. Os trabalhadores passavam a ver que esporte, música, dança, piqueniques domingueiros eram possibilidades de lazer diante da opressão do sistema de produção ou do rígido controle patronal. Nos primeiros momentos das comemorações do Dia do Trabalhador, era comum os socialistas usarem a música como espaço de sociabilização e lazer, capaz de aglutinar os trabalhadores e seus familiares.

Figura 7: Símbolo do Ferroviário Atlético Clube de Fortaleza.



Fonte: www.clubesdefutebolceara.com acesso em 29/10/2015

Ao analisar o símbolo do ferrão de Fortaleza pode-se constatar a influência do futebol de São Paulo e do Rio de Janeiro também no futebol cearense o qual o símbolo é parecido com o São Paulo.

De acordo com Pinto (2007) na década de 1930, nascia o Ferroviário Atlético Clube. Oficializado pelo senhor Valdemar Cabral Caracas em 1933, o Ferroviário se transformou em um dos clubes mais expressivos do Brasil na sua categoria de origem.

Sem exagero nenhum, é um dos poucos times oriundos da ferrovia que ainda resiste sem receber grandes influências externas, grandes investimentos de empresas, como é o caso do Paulista de Jundiá-SP e do Paraná Futebol Clube, o último é advindo de uma ramificação de clubes que para, não fechar suas portas, se uniram.

Pinto (2007) também enfoca que os times de trabalhadores surgem na cidade de Fortaleza, mediante a tentativa de encontrar no futebol uma prática que abstraísse o mundo do trabalho e desse aos trabalhadores um espaço de convivência e lazer, sendo que o “Ferrão” foi apenas um dos exemplos nesse contexto.

Figura 8: Ferroviário Atlético Clube de Fortaleza Campeão em 1952.



Fonte: www.ferroviariodefortaleza/imagensantigas.com acesso em 29/10/2015

Ao observar essa imagem proveniente do Ferroviário de Fortaleza de 1952 pode-se salientar a importância do feito da equipe que foi campeã na capital cearense, deste modo é importante evidenciar a importância da imagem como fonte de pesquisa histórica. No que diz respeito a essa colocação a historiadora Ana Maria Mauad (1996) fala:

Toda a imagem é histórica. O marco de sua produção e o momento da sua execução estão indefectivelmente decalcados nas superfícies da foto, do quadro, da escultura, da fachada do edifício. A história embrenha as imagens, nas opções realizadas por quem escolhe, uma expressão e um conteúdo, compondo através de signos, de natureza não verbal, objetos de civilização, significados de cultura. (MAUAD, 1996 p. 15)

O pesquisador CECATTO (2012) enfatiza que a cada dia que passa, mais imagens são produzidas, sejam elas para fins mercadológicos ou educativos, sendo necessário o que chamamos de “alfabetização visual”, para que seja possível a realização da leitura de imagens para a pesquisa em História. Para além da existência

das imagens, é necessário saber elaborar a leitura desse material, considerando as especificidades de cada imagem e as possíveis relações com outras imagens e textos.

Pinto (2007) enfoca que o trabalhador não é simplesmente aquele ser humano que entra no recinto de produção e passa horas ali, a fio, produzindo um determinado subproduto que servirá como anteparo do objeto final, do qual ele, provavelmente, não observará o todo, ou não se perceberá dentro do todo. O trabalhador é um ser humano composto de necessidades sociais como qualquer outro sujeito social. Necessita de remuneração devida para que seja possível garantir sua condição humana: o direito a alimentação, saúde, educação própria e familiar, moradia, e tempo e dinheiro que possam também ser investidos em lazer. Sobre esse aspecto ele diz:

Os trabalhadores tentavam encontrar subsídios que amenizassem o sofrer do mundo do trabalho e a pobreza causada pela baixa remuneração recebida depois de longas jornadas de trabalho. A miséria impedia o lazer comercializado. (PINTO, 2007 p.75)

Pinto (2007) também destaca que como no tempo da sua fundação, o futebol ainda caminhava num processo de transição entre o sentido das regras e era um espaço de sociabilidade mantido para efetivar a paz entre os “cavalheiros”, era inadmissível considerar como esporte o jogo praticado pelos operários da Ferrovia. Afinal, estes “tiravam o apito da boca do juiz quando ele marcava contra eles”, uma transgressão gravíssima aos olhos dos jovens desportistas burgueses.

O pesquisador Pinto (2007) também aponta que segundo os moldes exigidos pela sociedade burguesa, a prática exigia o futebol organizado. Passou-se, então, a considerar o time dos ferroviários como um clube (um Time) de futebol que poderia jogar entre os que figuravam na Associação Desportiva Cearense (ADC), instituição oficial que regulamentava os esportes no estado do Ceará, somente após a sua transformação em Ferroviário, em clube estabelecido, legitimamente fundado. É nesse ponto que a figura do escriturário da Rede de Viação Cearense (RVC) se configura como peça-chave para compreender o time de futebol da ferrovia, pois foi ele que inscreveu os jogadores e, agora, o clube da ADC.

Pinto (2007) enfatiza que a inserção do Ferroviário no ano de 1938 no campeonato cearense é marcada pelo início da profissionalização definitiva do esporte no Ceará, movimento trabalhista que se proliferava no resto do país. O caso cearense não ocorreu de maneira diferente em relação aos outros centros desportivos, apenas com

atrasos. Já se observava essa tendência ao profissionalismo no eixo Rio-São Paulo e em outros estados vizinhos, como a Bahia.

O pesquisador Pinheiro (2013) ressalta que o profissionalismo no futebol cearense, para os memorialistas e pesquisadores em geral, surge e se consolida em 1939. Segundo Damasceno: “Nesse período, final da década de 30, o futebol cearense estava no auge, com bons públicos e grandes ídolos. Era o ano do profissionalismo em nossa terra” (DAMASCENO, 2011).

Pinheiro (2013) defende a ideia de que o profissionalismo se inicia em 1939, porém durante todos os anos de 1940 esse processo vai se desenvolvendo e, apenas em 1945, o amadorismo foi segregado das competições profissionais, sendo praticado em diferentes espaços, tal como se concebe atualmente o futebol amador nos bairros populares e comunidades de Fortaleza.

Os clubes que citei nesse capítulo são apenas alguns dos muitos exemplos de times que surgiram dos trabalhadores das ferrovias no período do auge da expansão dos trens no país, a maioria foi desativada ou extinta, alguns continuam participando de competições futebolísticas, porém com dificuldades financeiras.

Destaco que não só clubes de ferrovias passam por situações complicadas, mas todos aqueles que surgiram do proletariado como times que surgiram de fabricas como o Operário de Várzea Grande/MT, e o Operário de Campo Grande/MS, e equipes de funcionários de grandes, médias e pequenas empresas como o Comercial de Ribeirão Preto/SP, Comerciário Catuense/BA, Comerciário de São Luís/MA e a União Recreativa dos Trabalhadores (URT) de Patos de Minas/MG.

No capítulo seguinte o futebol chega à cidade de Parnaíba onde vários times amadores são criados, na época havia equipes da elite e dos subúrbios da cidade que disputavam jogos futebolísticos em diferentes locais da cidade. Neste contexto os funcionários da antiga Estrada de Ferro Central do Piauí fundaram o Ferroviário Atlético Clube equipe que se destacou pelo bom futebol que jogava além dos craques que surgiram no clube.

A sede do “Esquadrão da Central” também foi importante para a sociedade de Parnaíba pelo fato de que atendia socialmente as comunidades da Capital do Delta além de ter sido local de realização de festas e bailes carnavalescos. Os sócios do clube e seus familiares usavam o salão principal para confraternizações e reuniões.

CAPITULO II – O SURGIMENTO DO FUTEBOL EM PARNAÍBA E A CRIAÇÃO DO “ESQUADRÃO DA CENTRAL” PELOS FERROVIÁRIOS

A cidade de Parnaíba passou por um período em que o futebol amador dominou a preferência das pessoas principalmente nos bairros periféricos, nessa época não havia chegado o profissionalismo e não tinha concorrência direta com clubes do eixo Rio-São Paulo.

O “Ferrim” surge nesse período e se torna uma das grandes potências esportivas da cidade, a equipe ganhou diversos títulos além de se tornar um celeiro de craques que se destacaram não só no futebol parnaibano mas em outras regiões do Nordeste. Além do sucesso do time de futebol a sede também se tornou um lugar de vivência e confraternização dos sócios do clube, o local atendia a sociedade parnaibana nos serviços sociais e festividades.

1.3 – O futebol em Parnaíba e as praças esportivas

No Piauí, a cidade de Parnaíba foi a pioneira na prática do futebol, local onde foi trazido a primeira bola do esporte por ingleses e brasileiros que estudavam na Inglaterra. Pouco tempo depois a “prática futebolística” foi se espalhando por bairros da cidade e ganhando novos adeptos.

O futebol foi trazido para Parnaíba por Septimus Clark, um dos diretores da Casa Inglesa, e pelo parnaibano José de Moraes Correia que estudou técnica industrial na Inglaterra, para a aplicação das indústrias de sua família.

Logo após a vinda do futebol para Parnaíba, muitas pessoas se articularam e criaram times amadores o que possibilitou a rivalidade entre os bairros existentes e posteriormente a participação dos moradores das comunidades, tanto nos clubes, quanto no campo, localizado onde hoje é a Praça Santo Antônio. Sobre esse aspecto o pesquisador Iweltman Mendes (2004) ressalta:

A propósito, transcrevemos, em parte, documento absolutamente confiável, escrito pelo falecido Dr. Antônio Castello Branco Clark (To), intitulado “Parnaíba eu te amo”, publicado postumamente no “Almanaque da Parnaíba”, ano LI, edição de 1974: “As suas ruas, sem calçamento, arenosas, serviam de campo para a disputa de peladas homéricas com a primeira bola de foot-ball chegada no início do século XX ao Piauí e que foi presente do Mister James da firma Chamberlain Donner e Cia de Manchester Inglaterra e que deu origem aos futuros clubes do Parnahyba e Internacional. As nossas peladas eram o pavor do barbeiro Araújo, cujo salão era constantemente invadido pela bola. (MENDES, 2004 p. 18)

Zeca Correia, ao lado de outros desportistas, fundou o time Camisa Azul, em 1913, tendo sido o seu primeiro presidente. Foi esse desportista que levou a primeira bola para contato com os jogadores da cidade, foi o fundador do Parnahyba Sport Club em 1921.

De acordo com João Batista de Oliveira Nascimento (2013) Septimus Clark juntamente com seu irmão Ozias e seu pai Reginaldo Furtado, fundaram o Internacional Sport que levou a cor vermelha, onde foi criada uma imensa rivalidade entre o Internacional e o “Tubarão do Litoral”, no período desses confrontos ocorreu uma superioridade do futebol parnaibano sobre o futebol de Teresina até os anos 50.

Rubens Freitas (2001) ressalta que a criação do Internacional foi o estímulo para que vários adeptos do esporte fundassem outros times em outros locais. Assim, Carlos Marinho fundou o Tucuns, em homenagem ao seu bairro; Aurélio Aranha, o Artístico; Zacarias, o Coroa; os Honoratos, entre os quais João, fundaram o Piauí. Os Magarefes criaram o Luso, depois Flamengo, em honra ao bairro Alto do Cemitério, onde hoje é o Cemitério da Igualdade.

Além de Septimus Clark e Zeca Correia, outra figura merece destaque por ter contribuído não só para o nosso desporto futebolístico, mas também para o futebol do Maranhão, trata-se do vice-cônsul inglês Mr. Charles Ernest Clissold, cujo ele ajudou a organizar o nosso futebol criando a Liga de Esportes Terrestre em Parnaíba, em 1917, onde em pouco tempo se filiou a Liga Metropolitana de Esportes Atlético, órgão representativo do esporte brasileiro, com sede no Rio de Janeiro.

Nascimento (2013) enfatiza que no começo o futebol em Parnaíba era totalmente amador, não tinha interesses financeiros o que contribuía para momentos de prazer e divertimento, porém, a evolução social e econômica da cidade, foi a principal responsável pela transformação no esporte, passando de uma atividade de lazer e entretenimento, para um negócio mercantil. Antes não havia obrigações salariais e o atleta jogava pelo time que gostava, mas com a criação de Ligas e Federações adotou-se

uma organização de Estatutos e Regimentos Internos de Clubes, modalidade mista de obrigações sociais e de responsabilidades esportivas. Em sua pesquisa Nascimento (2013) fala:

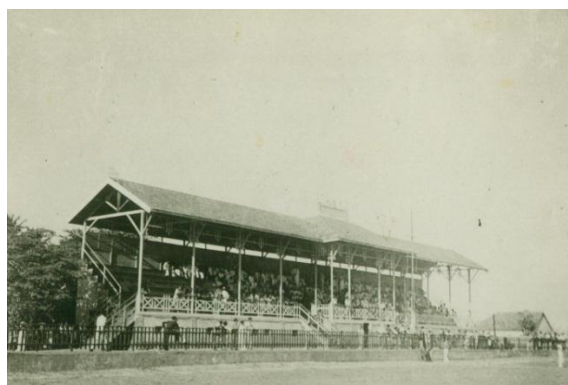
O nosso esporte amador, de tão simples e objetivo, dispensava gastos com uniformes, ou material de uso. As chuteiras eram confeccionadas por sapateiros locais, alguns jogadores de um time, e feliz era o clube que possuía dois equipamentos. Normal era jogar no final de semana (sábado e domingo) e segunda-feira lavar o uniforme para o próximo fim de semana. Era o famoso lava e enxuga. (NASCIMENTO, 2013 p. 43)

A respeito do amadorismo do futebol em Parnaíba pode-se destacar a preparação física dos atletas, não tinham profissional de educação física e os treinamentos eram realizados em campos de areia. Não existia grama, os campos eram de grande dimensão que facilitava o fortalecimento da musculação da panturrilha e dificilmente os jogadores sentiam câimbras. Havia exercícios respiratórios onde os atletas faziam a travessia de ida e volta no rio Igarauçu.

O pesquisador Freitas (2001) enfoca que os campeonatos eram realizados na Praça Santo Antônio onde logo depois foi proibido a pratica do futebol nesse local. Vendo essa situação, Zeca construiu um campo para o seu time o Camisa Azul, em local próximo ao Colégio São Luiz Gonzaga.

Por muito tempo o estádio Petrônio Portella foi o principal palco futebolístico de Parnaíba, onde as comunidades se encontravam para assistir memoráveis jogos, servia como ponto de lazer para os jovens que se dedicavam ao esporte mesmo não ingressando em times amadores. De acordo com o pesquisador Freitas (2001) o antigo Petrônio Portella tinha uma capacidade total de 9 mil torcedores, onde em alguns jogos ficava totalmente lotado.

Figura 9: Estádio Petrônio Portella, arquibancada de estrutura inglesa.



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/helderfontenele>, acesso em: 25/05/2015.

Freitas (2001) também enfoca que o governador Alberto Silva reformou e iluminou o Estádio Petrônio Portela onde adotou providencias no sentido de passá-lo ao controle do Parnahyba, na condição que o clube azulino seria responsável pela manutenção e o cedesse para às competições envolvendo outros times, bem como não deixasse de participar do Campeonato Piauiense por mais de dois anos. Caso as condições não fossem cumpridas, o estádio passaria ao município.

Depois da exclusão do Petrônio Portella para jogos profissionais, foram construídos outros estádios que apesar da capacidade menor de público fizeram com que as comunidades mais periféricas da cidade também fossem prestigiar seus clubes em dias de jogos, mas não em grande número como antes, no Bairro Rodoviária, foi construído o estádio Pedro Alelaf, onde é apelidado de “Piscinão do Tubarão”, antigamente era chamado de estádio Mão Santa. Ao lado do Petrônio Portela foi construído o do SESI, mais conhecido como Dirceu Arcoverde (Verdinho), campo particular de propriedade da Federação das Indústrias.

Tanto o Ferroviário de Parnaíba quanto outros clubes costumavam jogar com equipes de outros estados o que promovia a vinda de outros times para jogar na cidade. No que diz respeito ao intercambio do futebol parnaibano com outros estados Mendes (2004) fala:

No auge do futebol parnaibano, intensificou-se o intercâmbio, com equipes do Pará, do Maranhão, do Ceará (Principalmente) da Bahia e até, do Rio de Janeiro. Assim tivemos as visitas de, entre outros Remo, Tuna Luso, Paysandu, Moto Club, Sampaio Corrêa, Maranhão, Ceará, Fortaleza, Ferroviário de Fortaleza, Bahia, Vitória e Madureira. (MENDES, 2004 p. 29)

De acordo com Freitas (2001) o futebol de Parnaíba com o passar do tempo foi perdendo equipes e a população foi deixando de ir ao estádio e aos campos suburbanos, devido acontecimentos que acompanhavam o esporte, o “lado ruim do futebol”. Jogadores se “vendiam” para outros times, outros conheceram os segredos da noite, mulheres, bebidas e sexo, e alguns optaram pela boêmia, e os torcedores que enchiam as “praças futebolísticas” foram buscando novas opções, como o cinema, praias e festas.

Segundo Nascimento (2013), a urbanização imobiliária também contribuiu para o declínio do futebol em Parnaíba, onde houve a destruição de vários campos suburbanos, pois existiam campos em todos os bairros da cidade, a exemplo do campo do Fabril (São Sebastião), campo do Flamenguinho (Tucuns), campo do Arsenal, (Casas Populares), campo do Posto Shel (Guarita), campo da Quarenta (próximo ao Porto

Salgado e centro da cidade), campo do Guarany (Curro ou Matadouro), campo do Coroa (Nossa Senhora do Carmo), campo da Ilha (Ilha Grande de Santa Isabel), campo do Cruzeiro (em frente ao cemitério da igualdade) e vários outros.

1.4 – O surgimento do Ferroviário de Parnaíba no auge do futebol amador da cidade

Ao analisar o Ferroviário Atlético Clube de Parnaíba é crucial destacar a Estrada de Ferro Central do Piauí pois essa época foi marcada pela expansão da ferrovia na cidade e consequentemente a economia passou a depender dessa nova infraestrutura para atender os mercados consumidores.

De acordo com a historiadora Lêda Rodrigues Vieira (2009), o transporte ferroviário foi de grande relevância no cenário social e econômico de Parnaíba, cidade situada a 365 km da capital Teresina. O primeiro trecho ligando Portinho a Cacimbão na região norte do Piauí foi inaugurado em 1916, sendo outros trechos inaugurados entre os anos de 1920 a 1937, atingindo cidades e povoados como Amarração (atual Luís Correia), Bom Princípio, Frecheiras, Cocal, Deserto, Piracuruca e Piripiri. Em Parnaíba, o trem de ferro, durante sessenta anos, de 1922 a 1982, fez parte do cotidiano do povo parnaibano, acompanhou o crescimento da cidade e marcou profundamente a população, que usufruiu seus serviços aos domingos em direção à praia, à festa de Bom Jesus dos Navegantes, às férias em Amarração, ao transporte de alimentos de outras localidades vizinhas, a exemplo de Frecheiras e Cocal.

Também de acordo com Vieira (2009) os trabalhos de construção da Estrada de Ferro Central do Piauí foram realizados por operários provenientes, sobretudo do Ceará, fugitivos da seca que assolava sua terra natal. No Piauí, esses homens e mulheres procuravam melhores condições de sobrevivência e muitas vezes, por onde passavam se anexavam e formavam novos povoados. Para implementar os serviços das ferrovias em solo piauiense, os engenheiros precisaram de mão-de-obra barata, sendo os cearenses uma opção.

Pode-se enfatizar que esses trabalhadores que eram provenientes de outros estados como citado anteriormente o Ceará construíram famílias tanto aqui em Parnaíba como em outros locais do Piauí além de terem relações de amizade com seus conterrâneos, isso facilitou a disseminação do futebol na região, esporte que antes era basicamente de elite passou a se popularizar.

A pesquisadora Vieira (2009) ressalta que esses operários da ferrovia trabalhavam em diversos cargos: eram maquinistas, foguistas, graxeiros, chefes de trem, guarda-freios, conservadores de linha, feitores, chefes de turma, tunileiros, ferreiros, soldadores, torneiros, eletricitistas, bagageiros, carregadores, etc.

Destaquei essas funções dos operários que eram cruciais para a construção e manutenção da ferrovia em Parnaíba a fim de enfatizar a importância dessas formas de trabalho para a época, além de colocar em ênfase o papel que todos tinham na sociabilidade, convivência e lazer, pois foram pessoas como estas que começaram a montar uma equipe organizada por trabalhadores.

O Ferroviário Atlético Club (FAC) foi fundado por um grupo de funcionários da Estrada de Ferro Central do Piauí no dia 06 de setembro de 1946. Primeiramente os operários da ferrovia viam a equipe como forma de entretenimento e lazer, o qual era notadamente importante a competição entre os diversos clubes amadores da cidade.

Figura 10: Símbolo do Ferroviário de Parnaíba.



Fonte: www.chamadageralparnaiba.com acesso em 26/10/2015

Pode-se analisar a influência do futebol do eixo Rio-São Paulo durante a criação de equipes amadoras e profissionais em diversas regiões do país pelo fato do nome igual de clubes diferentes, e principalmente pela semelhança do símbolo do clube, o Ferroviário de Parnaíba é um exemplo desse paradigma, o qual o símbolo é semelhante ao do Botafogo-RJ, sendo que também as cores são as mesmas, exceto a cor vermelha da inscrição FAC situada no centro da estrela.

A influência desses times do Rio de Janeiro e São Paulo na época não eram referentes a quantidade de torcedores diferentemente de hoje, mas esses clubes sulistas serviam de modelo para as agremiações que surgiam tanto no nome, como em alguns escudos semelhantes como observado no símbolo do “Esquadrão da Central”.

Assim como outros clubes ferroviários do Brasil pode-se analisar que o Ferroviário de Parnaíba foi criado não por motivos financeiros onde somente é visado o lucro, mas como forma de entretenimento, confraternização e “brincadeira” dos funcionários da Estrada de Ferro Central do Piauí (EFCP), além de ser uma maneira de integração dos trabalhadores nas folgas e dias de semanas.

O pesquisador Nascimento (2013) cita algumas personalidades que foram responsáveis pela criação do “Ferrim” de Parnaíba, o qual ele cita os dirigentes Ormeu Lobão do Rego Monteiro, Antônio Ferreira, Raimundo Avelino do Nascimento, Luiz dos Santos Costa, Baltazar Mizaél Ribeiro, João Pergentino Machado, Manuel Correia, José da Silva Antunes, Francisco Fontenele de Castro, Manuel Rodrigues dos Santos, João Batista Pereira, José Francisco dos Santos, José Valverde de Mesquita, Newton Penafiel Diniz, Renato José de Barros e Jesum Messias de Albuquerque.

Nascimento (2013) também enfoca que depois do Parnahyba Sport Club o “Ferrim” foi o time que mais teve títulos nos campeonatos da Liga Parnaibana, o clube foi bicampeão de 1963 e 1964 e tetracampeão em 1948, 1949, 1951 e 1952, no ano de 1950 não houve campeonato.

Figura 11: Jogadores do “Ferrim” de Parnaíba.



Fonte: Foto tirada no dia 03/11/2015

A historiadora Mauad (1996) fala a respeito da fotografia como fonte de pesquisa para o historiador onde desde pessoas consideradas personalidades ou pessoas anônimas guardam acervos que podem servir como fontes cruciais para a interpretação do pesquisador. A respeito dessa afirmação ela enfatiza:

Desde a sua descoberta até os dias de hoje a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando sua história numa linguagem de imagens. Uma história múltipla, constituída por grandes e pequenos eventos, por personalidades mundiais e por gente anônima, por lugares distantes e exóticos e pela intimidade doméstica, pelas sensibilidades coletivas e pelas ideologias oficiais. (MAUAD, 1996 p. 05)

Mauad (1996) também destaca que a fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida.

Segundo o Historiador e pesquisador Helcio Carvalho Mesquita de Araújo (2010) o clube era formado somente por pessoas do quadro, posteriormente foram incorporados atletas particulares que foram em seguida "fichados" na empresa ferroviária. A primeira sede funcionou onde hoje existe um posto de combustível na avenida governador Chagas Rodrigues, na Esplanada da Estação.

Araújo (2010) também enfatiza que depois o clube foi transferido para o local onde funciona a Escola Roland Jacob e no início da década de 1960 foi comprada a sede atual, na avenida São Sebastião, pelo valor de Cr\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros).

A revista que homenageia os 70 anos do "Ferrim" aborda que em 19 de fevereiro de 1963, a sociedade comprou uma casa local onde hoje é a sede do clube. Constataram os sócios que aquele lugar não atenderia as necessidades e objetivos para os quais foi criado que era o desenvolvimento social e esportivo dos seus associados, das suas famílias e a sociedade parnaibana. Então a diretoria decidiu pela construção da sede no lugar na casa recém adquirida. A construção da nova sede envolveu operários, administração e Diretores da Rede Ferroviária Ceará e Piauí. Trabalharam dia e noite em regime de mutirão para edificar aquele que seria, na época, o prédio mais imponente da Avenida depois da Igreja de São Sebastião.

No que diz respeito a eleições do Ferroviário de Parnaíba é possível destacar uma das chapas que concorriam a cargos na equipe, onde os vencedores seriam responsáveis por gerir o clube nas competições futebolísticas e sobretudo a contratação de jogadores, pode-se constatar também que todas as eleições eram na sede do clube na avenida São Sebastião. Esta chapa foi retirada do jornal Folha do Litoral publicado em 28 de julho de 1976.

PRESIDENTES DE HONRA: Dr. Walderdes Machado de Sampaio, Dr. Carlos Araken Correia Rodrigues e Jornalista Bernardo Batista Leão. PRESIDENTE ADMINISTRATIVO: João de Deus Spindola. VICE-PRESIDENTE: Raimundo Nonato Araújo. 1º SECRETÁRIO: Elisio Galvão de Caldas. 1º TESOUREIRO: Raimundo Candeira de Barros. ORADOR OFICIAL: Mário de Santana Campos. COMISSÃO FISCAL: Francisco Freire Linhares, Oscar Zacarias Carneiro e Secidio da Silva Galvão. COMISSÃO DE SINDICÂNCIA: Airton Correia de Loiola, Francisco das Chagas Miranda e Raimundo Alves de Araújo.

Ao observar a chapa que compunha a diretoria do ‘Ferrim’ de 1976 pode-se analisar o Dr. Walderdes Machado de Sampaio como um dos presidentes de honra do clube, esse medico dos ferroviários foi um dos fundadores da equipe e possuía uma ligação forte com o clube e os operários. Sobre este aspecto a historiadora Maria Dalva Fontenele Cerqueira (2016) enfatiza:

Entre os dirigentes o que mais marcou a memória dos ferroviários-jogadores foi o médico da estrada de ferro, Walterdes Sampaio, apaixonado por futebol foi um incentivador do esporte entre os ferroviários, cujo time ele fazia questão de escolher dentre os melhores da cidade aqueles que iam entrar para sua equipe. Os escolhidos tinham emprego garantido e passavam a fazer parte da Estrada de Ferro Central do Piauí, uma das maiores empresas federal existente em Parnaíba no período em destaque. (CERQUEIRA, 2016 p. 13)

Deste modo é possível constatar que o Ferroviário Atlético Club apesar de ser uma equipe de operários e suburbano também simpatizava até pessoas consideradas como elites naquela época na cidade de Parnaíba. De fato, que com o crescimento do ‘Ferrim’ no âmbito esportivo atraiu diversas pessoas a torcer pelo time acredito que a maioria foi a população mais humilde, mas na História não existe generalizações, por isso também destaco que algumas pessoas ligadas a burguesia da cidade também participavam ativamente da vida do clube.

Araújo (2010) também enfoca que o time do Ferroviário, carinhosamente chamado de "Ferrim", participou da Liga Parnaibana, vencendo vários campeonatos, como por exemplo bicampeonato em 1963. Excursões pelo Brasil, amistosos com grandes agremiações do Norte e do Nordeste marcam a história do time.

A pesquisadora Cerqueira (2015) em seu trabalho Entre Trilhos e Dormentes: a Estrada de Ferro Central do Piauí na história e na memória dos parnaibanos (1960-1980) enfoca que além de cuidar da saúde e da educação dos filhos e esposas dos ferroviários, a empresa ajudava a manter o Ferroviário Atlético Clube. Esse clube mostrou que além de trabalhar, os ferroviários também sabiam jogar bola. O clube dos

ferroviários teve muitos presidentes. Nas décadas de 1960 a 1970 foi presidido por João Pergentino Machado que exerceu dentre outras a função de escriturário da Estrada de Ferro Central do Piauí em 1971 quando foi aposentado.

Foram recorrentes entre os ferroviários aposentados as lembranças do clube ferroviário onde todos eram sócios, tinham uma carteira, como a que apresentamos na figura 13 e pagavam uma taxa mensal. O clube tinha uma presidência que era eleita pelos sócios, tinha um regulamento que definia os direitos e os deveres dos sócios. A escolha do presidente e dos demais cargos ocupados dentro do clube se dava por meio de eleições que contava com a participação dos sócios que também eram os eleitores. (CERQUEIRA, 2015 p. 134)

Cerqueira (2015) também destaca que o clube dos ferroviários foi organizado pelo médico da ferrovia, Walterdes Sampaio juntamente com o engenheiro Alberto Silva e um engenheiro de Fortaleza para ajudar os ferroviários nos momentos de dificuldades. A ideia de formar um clube já existia entre os ferroviários.

Figura 12: Jogadores do Ferroviário de 1965.



Fonte: Foto tirada no dia 07/12/2015

Esta foto foi tirada do livro Parnaíba – Terra do futebol, de Nascimento (2013) e retrata a equipe que disputou o Campeonato Amador Parnaibano em 1965. Estão na imagem em pé, da esquerda para a direita: Joel, Ribinha, Das Chagas, João Silva, Lobinho, Batista (Mão de Onça) e Ição (treinador), estão agachados, da esquerda para a direita: Tarzan, Pachequinho, Alciomar, Barbosinha e Belga.

Quando se analisa a fotografia do “Esquadrão da Central” de 1965 pode-se destacar que essa fonte histórica apresenta uma realidade ocorrida no esporte parnaibano a interpretação das fotos depende de cada historiador como adverte Mauad (1996). Sobre a fotografia e a realidade que está inserida a pesquisadora ressalta:

(...) a fotografia é considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade. Como corolário deste momento de inscrição do mundo na superfície sensível, seguem-se as convenções e opções culturais historicamente realizadas. (MAUAD, 1996 p. 04)

A historiadora Cerqueira (2015) adverte que o Ferroviário Atlético Clube era um lugar de sociabilidades dos ferroviários. O prédio foi construído pelos sócios que pagavam uma taxa mensalmente para as despesas existentes. Era o local onde os ferroviários faziam suas festas. O clube era frequentado pelas famílias dos ferroviários que comemoravam carnaval, realizavam casamentos, aniversários e outras festividades, as festas eram organizadas pelas próprias famílias dos trabalhadores.

Cerqueira (2015) afirma que todos os ferroviários eram sócios do clube que, depois da morte do senhor Tupinambá, ganhou um grande número de sócios que pagavam uma taxa para ter direito aos benefícios oferecidos pela associação. Um caixão, entradas para assistir aos jogos do ferroviário e a participar das comemorações realizadas pelo clube. O jornal parnaibano Norte do Piauí estampou como manchete intitulada “Ferroviário Atlético Clube homenageou o Superintendente da R.V.C.” O Superintendente Elzir de Alencar de Araripe Cabral foi homenageado pelo clube em 26 de junho de 1968. O motivo da visita era fazer uma vistoria na ferrovia que já se encontrava subordinada a Rede de Viação Cearense. De acordo com Dalva Fontenele (2015):

Sábado último, o Ferroviário Atlético Clube fez realizar em sua sede própria, à Avenida São Sebastião, 1114, nesta cidade. Um coquetel em homenagem ao Dr. Elzir de Alencar de Araripe Cabral, Superintendente da Rede de Viação Cearense, [...] esteve supervisionando o Distrito de Operações do Piauí, antiga Estrada de Ferro Central do Piauí. [...]. No decorrer do coquetel que contou com um crescido número de ferroviários e convidados especiais. (CERQUEIRA, 2015 p. 139)

Cerqueira (2015) fala que o destaque em um periódico de circulação local evidencia a presença de tal clube na vida social na cidade de Parnaíba. A notícia informa sobre o coquetel organizado em homenagem ao Superintendente da Rede de Viação Cearense, mas menciona também a presença de um grande “número de ferroviários” expressando a participação dos sócios do clube nas festas e comemorações organizadas pela Associação.

No que diz respeito a decadência do “Esquadrão da Central” pode-se considerar que o crescimento do futebol profissional principalmente na capital Teresina favoreceu a diminuição do público e interesse da população parnaibana pelo esporte, sendo que no

amadorismo as equipes não tinham gastos exorbitantes e diversas vezes os jogadores competiam apenas pela diversão. Sobre essa “simplicidade” o pesquisador e historiador José de Paulo Brito (2012) fala:

Os uniformes eram simples, pois não havia essa ostentação exagerada de publicidades, até porque não havia tecnologia avançada, tudo era pura simplicidade. Os árbitros juntamente com seus auxiliares também exibiam seus trajes típicos da época. Apesar das regras do jogo serem diferentes dos tempos atuais, havia expulsões sim, só não existia cartões amarelo e nem vermelho. (BRITO, 2012 p. 34)

Brito (2012) também enfatiza que tanto nos meios de comunicação de massa assim como o rádio, pelo qual os jogos eram transmitidos, a imprensa escrita e falada quanto aos atletas, dirigentes, torcedores de um modo geral, todos expressavam uma linguagem esportiva usando um vocabulário de origem inglesa há muito tempo em desuso, tais como: *football, goalkeeper, backs, center-halves, center-forwards, offside, toss, referee ou player, field match, goals, freekick, etc.*

Com o fechamento da RFFSA iniciou-se uma decadência nas atividades do Ferroviário Atlético Clube tendo inclusive que fechar a sede e alugar para que pudesse gerar renda para manutenção do clube porque os sócios antigos desinteressaram-se ou naturalmente vinham a óbito. Assim foi necessário admitir os filhos dos ferroviários como sócios para que pudesse dar continuidade a sociedade (Ferroviário).

Logo após a paralisação do time, ouve um período de transição para a continuação das atividades do Ferroviário. Esse acontecimento foi importante para que o clube reativasse a parte social e a esportiva deste modo, ocorreu uma autorização através de Assembleia Geral dando a possibilidade de filhos dos sócios poderem participar da diretoria votando e podendo ser votado, cujo os primeiros presidentes dessa nossa fase foram Jorge Luiz Araújo Silva e Rodney Oliveira Spindola, quando foi reativado a parte social e a parte esportiva do time, voltando a disputar o Campeonato Amador de Parnaíba. Os atletas dessa nova fase posso citar Vavá, Preto, Paulo Boca, Valdemar, Pinduca e outros mais.

A sede do Ferroviário Atlético Clube atualmente continua situada na Avenida São Sebastião onde por muito tempo foi realizado no local os bailes de carnaval mais animados da cidade de Parnaíba, o qual a população fazia questão ir a instituição nas noites de carnaval para dançar as antigas marchinhas. Atualmente na sede do “Ferrim” funciona uma academia particular essa empresa também serve de receita para o clube.

Figura 13: Imagem da revista Histórica sobre a volta do ‘Ferrim’ aos gramados.



Fonte: Foto tirada no dia 20/05/2016

Esta imagem retrata uma matéria publicada na revista Histórica (2008) intitulada: O Ferroviário está de volta ao futebol e destaca o momento em que o ‘Ferrim’ volta à ativa depois da paralisação do clube a fim de competir no Campeonato Amador Parnaibano. Pela “empolgação” do autor da matéria é possível refletir que esse foi um fato importante na época para o futebol da cidade.

Atualmente o Ferroviário Atlético Club é presidido por Rodney Spindola. No ano de 2013 o Ferroviário se filiou a Federação de Futebol do Piauí (FFP) se tornando uma equipe profissional apta a disputar a Segunda Divisão do Futebol do Piauí, pode-se destacar que em âmbito profissional o clube participou do Torneio de Movimentação em 2013, do Campeonato Piauiense Sub 19 em 2015 e do Campeonato Piauiense da Segunda Divisão em 2016.

No capítulo seguinte por meio da história oral ressalto a importância da área social do “Esquadrão da Central” tanto para os sócios do clube como para a população parnaibana pois na sede ocorreu varias festividades, eventos e bailes carnavalescos que ficaram na memória daqueles que vivenciaram essa época.

Menciono a rotina do clube antigamente e a respeito dos craques que jogaram na equipe que se destacaram no futebol amador nesse período. Destaco o olhar de alguns desportistas perante a atuação situação do futebol em Parnaíba e as consequências da vinda do profissionalismo para o “Ferrim” e os demais times suburbanos da cidade.

CAPITULO III – HISTÓRIA E MEMÓRIA DO FERROVIÁRIO ATLÉTICO CLUBE NA CIDADE DE PARNAÍBA

Neste ultimo capitulo abordo a questão social do “Esquadrão da Central” em Parnaíba e posteriormente a sua importância e alguns feitos do clube que foram relevantes para a população da cidade, além de evidenciar a ligação que os sócios do Ferroviário tinham com a equipe futebolística e com a sede do clube.

Por meio da história oral analiso as lembranças de antigos e atuais sócios do clube em torno do período em que o futebol amador se destacou na sociedade parnaibana. Aponto alguns jogadores que se destacaram no “Ferrim” e até hoje são vistos como craques por aqueles que vivenciaram a época.

No último subtópico coloco em pauta a visão de antigos e atuais funcionários do Ferroviário no que diz respeito a comparação dos tempos áureos do futebol amador na cidade em relação com o da atualidade, as consequências do advento do desporto futebolístico profissional para Parnaíba e a relação desse acontecimento com o declínio do esporte amador na cidade como na diminuição das torcidas de equipes suburbanas nas partidas futebolísticas.

1.5 – O papel social do Ferroviário nas comunidades parnaibanas

Durante o auge do futebol amador parnaibano, mais precisamente nas décadas de 1950, 1960 e 1970 várias equipes de futebol da cidade a exemplo do Parnahyba, Fluminense e Lagoano, foram importantes para o desporto futebolístico naquela época, pois influenciavam principalmente a juventude para pratica desse esporte.

O Ferroviário de Parnaíba, dentre os clubes de futebol que eram oriundos das atividades laborais, ou que tinham sua origem entre categorias mais populares, foi uma das equipes que mais se engajaram para atender os seus simpatizantes e torcedores, desde os funcionários do clube, atletas, trabalhadores da estrada de ferro Central do Piauí e a população da cidade em geral, o qual a sede da agremiação esportiva é um grande exemplo para esse engajamento pois o local servia de palco para festas e eventos não só para os trabalhadores da ferrovia e seus familiares mas de toda a comunidade parnaibana principalmente nos carnavais, datas comemorativas e festas juninas.

Deste modo, pode-se enfatizar dois pontos distintos a serem destacados, o primeiro diz respeito à importância da sede do clube para a sociedade parnaibana onde até hoje está situada na Avenida São Sebastião, o outro ponto diz respeito a importância do time de futebol Ferroviário para o esporte amador na época pois antes do profissionalismo ser inserido em Parnaíba, clubes como o “Ferrim” dominavam a torcida nos bairros suburbanos.

A sede do “Ferrim” foi palco de festas que atenderam desde os funcionários da estrada de ferro central do Piauí, atletas, como os demais moradores da cidade. O que é constatado nas memórias dos funcionários do clube que frequentavam tanto o time de futebol como a sede da agremiação esportiva.

De acordo com a Revista de Jorge Luiz Araújo Silva que foi feita para homenagear os 70 anos do “Ferrim” a sede do clube foi palco de grandes bailes de carnaval, bailes, show, matinais, vésperas aos domingos com a participação de artistas famosos como Waldick Soriano, Roberto Muller, Newton César, Jerry Adriane e bandas como Os Piratas do Ritmo (liderada por Anastácio Magalhaes), a excelente Banda de carnaval do senhor Manu, Os Apaches (liderado por Fernando Holanda), os Atômicos (liderada por Herculano) e Parnaíba Som Sete (liderada por Antônio Feijão).

Figura 14: Sede do Ferroviário de Parnaíba na Avenida São Sebastião.



Fonte: www.sedeferroviáriodeparnaiba/imagens.com acesso em 26/10/2015

Destaco que em meu trabalho a História oral foi crucial para o êxito das informações que necessitava. De fato que essa modalidade da História está cada vez mais sendo aceita no meio acadêmico comparado com épocas anteriores. Deste modo o historiador Phillippe Joutard (2000) enfatiza:

Estamos persuadidos de que a história oral não está mais em suas primícias. Chegou já à primavera e é cada vez mais reconhecida e compreendida nos círculos acadêmicos mais tradicionais. (JOUTARD, 2000 p. 33)

A História oral é importante pelo fato de “ouvir” vários grupos sociais sem distinção, não apenas as elites como era antigamente, a respeito dessa minha afirmativa Joutard (2000) ressalta que a força da história oral, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de Nuno Revelli, os "derrotados". Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história.

Quando Nuno Revelli se refere ao termo “derrotados” acredito que ele não está falando em termos esportivos ou se as classes subalternas fossem destruídas ou fracassadas, ele se refere ao fato de que a História dos vencedores contadas antes é a história das classes dominantes, como se as pessoas mais humildes fossem sempre esquecidas o que dá ideia de derrota realmente, mas isso é só um fato centrado em interesses políticos e elitistas.

O historiador Michael Pollak (1992) também fala sobre a viabilidade da história oral para a pesquisa o que possibilita a abertura de novas possibilidades para o historiador, a respeito dessa afirmação Pollak (1992) destaca:

(...) é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa. Por exemplo, hoje podemos abordar o problema da memória de modo muito diferente de como se fazia dez anos atrás. Temos novos instrumentos metodológicos, mas sobretudo, temos novos campos. (POLLAK 1992 p. 08)

Vicente de Paula Araújo Silva conhecido como “Potencia” ex-jogador do “Esquadrão da Central” filho de um dos grandes jogadores do time Sebastião Lauro da Silva ‘o Ição’ destacou que o clube tinha a parte social e a parte futebolística e era bancada pelos associados funcionários da extinta Estrada de Ferro Central do Piauí. No que diz respeito ao papel social do clube Vicente Potencia³ enfatiza que:

Socialmente o Ferroviário agregava como eu já disse anteriormente agregava a classe dos ferroviários através do esporte, lazer e assistência funerária, a assistência funerária era o seguinte porque quando a pessoa adoecia é quando a pessoa falência o associado todo o enterro era bancado entendeu pelo clube a partir do caixão e uma ajuda aos familiares após morte⁴.

³ Atualmente trabalha como técnico em eletrotécnica em Parnaíba-PI, ex-sócio do Ferroviário Atlético Clube de Parnaíba-PI.

⁴ Entrevista realizada no dia 19/05/2016 por Denis Amaral Batista.

Pode-se destacar através das memórias de “Potencia” que o “Ferrim” tinha aspectos sociais além do futebol ou festas na cidade o que contribuía para que a equipe tivesse simpatia tanto por aqueles que trabalhavam na equipe de futebol, como naquelas pessoas que trabalhavam na sede do clube e a comunidade trabalhadora em geral.

Quando se fala em memória é importante ressaltar a importância do local de convivência para esses trabalhadores, sendo assim a ferrovia, a equipe de futebol Ferroviário e a sede do clube possibilitaram essas pessoas a terem vínculos a vida toda com o local em que frequentavam. No que diz respeito esse aspecto Pollak (1992) enfatiza

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. (POLLAK, 1992 p. 02-03)

O historiador Pollak (2012) também resalta que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Deste modo é possível enfatizar a ligação que os ferroviários tinham com o local de trabalho e com o time futebolístico a fim de se sentirem parte de uma mesma identidade, de jogadores, operários ou funcionários do clube.

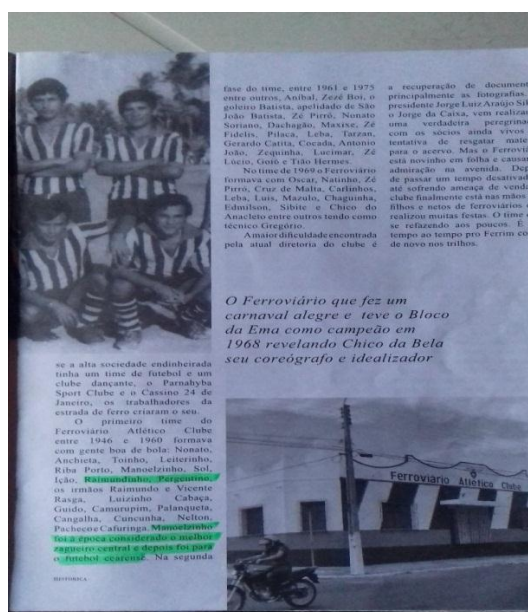
A sede do Ferroviário era muito frequentada pela comunidade parnaibana em várias ocasiões como festas e eventos. A sede também já foi palco de várias convenções políticas, pois também eram cedidas para este fim. Essas afirmações foram destacadas por Jorge Luís Araújo Silva⁵ irmão de “Potencia” e ex-presidente do “Ferrim” que em suas memórias descreve:

⁵ Aposentado, ex-presidente do Ferroviário de Parnaíba e antigo sócio do clube.

Era muito frequentado o Ferroviário e tinha o salão de festa, tinha a parte de futebol depois foi construído uma quadra de esporte por onde foi desenvolvida o futebol de salão no bairro Campos então o Ferroviário era muito frequentado pelos jovens, pelos senhores, senhoras, pela sociedade parnaibana realizando muitas festas sociais foi palco de muitos encontros políticos a sede era cedido para convenções partidárias de forma que o Ferroviário sempre serviu a sociedade parnaibana.⁶

A sede do “Ferrim” passou por vários eventos durante sua história, pode-se destacar que durante o carnaval as típicas marchinhas uniam os funcionários do clube as demais pessoas da sociedade parnaibana. A sede do clube passou por eventos em que tinha apenas os associados e suas famílias, outras festas para contratantes e outros em que participavam toda a comunidade da cidade.

Figura 15: Imagem da revista Histórica falando da sede do “Ferrim” e o carnaval.



Fonte: Foto tirada no dia 20/05/2016

Essa foto proveniente da revista Histórica (2008) de José Maria Machado em que intitula a matéria: O Ferroviário que fez um carnaval alegre e teve o Bloco da Ema como campeão de 1968 revelando Chico da Bela seu coreógrafo e idealizador, destaca a o carnaval como um dos “carros chefes” do clube, além disso, também é possível lembrar dos famosos bailes de marchinhas carnavalescas realizadas na sede do “Ferrim”.

⁶ Entrevista realizada no dia 23/05/2016 por Denis Amaral Batista.

De acordo com a revista comemorativa dos 70 anos do clube ao longo de sua existência a sede do Ferroviário prestou relevantes serviços a sociedade parnaibana como acolhimento de famílias alagadas, pontos de campanhas de vacinação, convenções partidárias (independente do partido), escolinha de alfabetização, dentre outras, sendo considerada como de utilidade pública pela Lei Municipal 2.706 de 02 de Agosto de 2012.

Em relação ao time de futebol do Ferroviário tinha seu papel social nas comunidades parnaibanas, pois na época em que não havia o profissionalismo, as equipes amadoras ganharam certa “simpatia” dos habitantes de Parnaíba em várias esferas sociais ou em equipes das elites, quanto dos subúrbios que disputavam campeonatos ao longo do ano nos campos de futebol da cidade.

No que diz respeito a importância do time de futebol do Ferroviário na época Jorge Luís ex-presidente do time e atualmente com idade de 60 anos destaca:

Tinha o salão social e tinha um time de futebol muito bom e os jovens de antigamente todos queriam jogar no Ferroviário ou no Parnahyba ou no Flamengo, mas o Ferroviário exercia esse papel de influenciar a juventude para praticar o esporte.⁷

O Ferroviário foi “construído” pelos operários da antiga Estrada de Ferro Central do Piauí, mas ao longo dos anos a equipe de futebol foi “ganhando” popularidade sobretudo nas periferias da cidade onde outras pessoas que não pertenciam a ferrovia passaram a jogar na equipe garantindo as competições futebolísticas com outros times de futebol.

Ao longo da sua História o “Esquadrão da Central” já teve vários presidentes administrativos e de honra como João Batista Pereira (Carrapato), Raimundo Nonato bem, João Pergentino Machado, Gerson Serejo, Antônio Carvalho, Vicente Pinto, Francisco das Chagas Aragão, Manuel Mesquita, Anatólio Costa, Vitorino Teotônio Azevedo, Gerardo Graça, José Vieira de Brito, João de Deus Spindola, Walderdes Machado de Sampaio, Carlos Araken Correia Rodrigues, Jorge Luís Araújo Silva, Bernardo Batista Leão e Raimundo Nonato Mesquita de Araújo esses desportistas e funcionários da Antiga Estrada de Ferro Central eram responsáveis pela manutenção da sede do “Ferrim” e posteriormente suas festividades, sócios e estrutura além da equipe de futebol que disputava torneios amadores na cidade e até em outros estados.

⁷ Entrevista realizada no dia 23/05/2016 por Denis Amaral Batista.

Sobre o destaque do time de futebol perante a comunidade parnaibana o atual presidente do clube Rodney Oliveira Spindola⁸ destaca que na parte do futebol o “Ferrim” era dividido em outras “equipes” de acordo com a modalidade e a idade dos jogadores a respeito dessa questão ele enfatiza:

A pratica do esporte basicamente a cultura pois lá existia as festas de carnavais, as festas juninas e a parte do esporte aonde tinha os times de futebol tinha o time A o time B o time mais do “pessoal”, mas de idade mais avançada e o time dos meninos que a gente chamava de time B que era o segundo time que era os jovens e era essa era a parte social que o Ferroviário tinha em relação a cidade de Parnaíba além daqueles encontros culturais que existiam dentro da sede do clube.⁹

O atual presidente do clube Rodney Oliveira Spindola também enfatizou que seu pai João de Deus Spindola também já foi presidente do clube por esse motivo ele “cresceu” dentro do Ferroviário o qual ele passou a conviver com vários jogadores e associados da antiga Estrada de Ferro Central do Piauí, pois segundo ele eram muitos associados para mais de mil destacou o desportista.

Outro ponto a ser destacado diz respeito a importância do esporte na época, mais precisamente do futebol pois a pratica desse esporte atraia vários jovens e impedia que muitos deles cometessem algo ilícito como entrar para a marginalidade ou para o mundo das drogas. Destaco que o “Ferrim” foi crucial para este fim, mas os outros times amadores da cidade também tiveram seu papel de importância.

1.6 – Os craques do “Ferrim” e as suas relações com o clube

Durante a história do Ferroviário Atlético Clube de Parnaíba vários jogadores provenientes da antiga estrada de ferro Central do Piauí fizeram a alegria daqueles que torciam pelo time, isso motivava outros jovens da cidade a querer entrar para o clube já que só o fato de competir era uma atração na época em que o desporto futebolístico não era praticado apenas pelo dinheiro, mas pela vontade de ganhar e se divertir.

Nas memórias provenientes dos antigos e atuais sócios do “Ferrim” que entrevistei, ex-jogadores do time muitos deles falecidos, são lembrados pois retrata a época em que o desporto futebolístico era bastante praticado em Parnaíba. Pode-se destacar também que boa parte desses atletas eram familiares ou conhecidos de funcionários da antiga estrada de ferro Central do Piauí.

⁸ Servidor público federal e atual presidente do Ferroviário Atlético Clube de Parnaíba-PI

⁹ Entrevista realizada no dia 30/05/2016 por Denis Amaral Batista.

Em suas memórias “Potencia” fala de alguns jogadores que passaram pelo Ferroviário, muitos deles eram sócios do clube, funcionários ou seus familiares em suas lembranças ele descreve:

Passaram muitos jogadores, passaram pelo Ferrim entre eles o meu pai Ição, Leiterinho, Raimundo Rasga, Toinho, Sol, Palanqueta, Vicente Rasga, Cafuringa, Joel, Das Chagas, Belga Fortaleza, Barbosinha, Cucunha, Alciomar, Zequinha Alberto e tantos das gerações após o ano de 1964.¹⁰

Pode-se constatar que nas memórias de “Potencia” é lembrado pessoas que ele teve algum vínculo de amizade ou que eram apenas conhecidos, que foram importantes para a manutenção do time no que diz respeito a motivar outras gerações a jogar no clube.

O pesquisador Nascimento (2013) ressalta que o time do Ferroviário entre os anos de 1949 até meados dos anos 1965, era formado por atletas como Toinho, Riba, Porto, Leiterinho, Raimundo Rasga, Ição, Palanqueta, João Batista, Alemão, Cucunha, Newton Diniz, Luisinho, Vicente Rasga, Cafuringa, Zezé Boi, Guido (Cavalo Velho), Zadica, Dadinho, Nilson (Bode Azul), Aníbal, Batista Crispim, Barbosinha, Zé Augusto, Batista Tote, Honorato, Das Chagas, Bernardo Lula, Zé Maria Patinhas, Zé Vieira, Lobinho, Batista, Joel, Ribinha, Alciomar, Pachequinho, Ribamar, Belga e Tarzan. Esses atletas eram amadores e jogavam no “Esquadrão da Central” a maioria era proveniente da cidade de Parnaíba.

Durante o auge do futebol amador parnaibano em especial do Ferroviário alguns jogadores da equipe também chegaram a competir em clubes de outros estados e jogadores provenientes de outros locais do Brasil já defenderam a camisa do “Ferrim”. A respeito dessa colocação Edilson Barbosa Machado¹¹ fiscal de vigilância do município de Parnaíba enfatiza:

¹⁰ Entrevista realizada no dia 19/05/2016 por Denis Amaral Batista.

¹¹ Fiscal da vigilância sanitária do município de Parnaíba-PI e ex-sócio do Ferroviário Atlético Clube.

Já passaram pelo Ferrim finado Cabaça, finado Leiterinho, Cafuringa que também que já morreu, é que mais o Lobinho que era um grande jogador de futebol, meus tios tio Manuel e tio Raimundinho que eram grandes craques, grandes craques, Barbosinha certo, o Barbosinha inclusive não era nem aqui de Parnaíba ele era do Rio Grande do Norte naquela época vinha muita gente do Rio Grande do Norte, da Paraíba que jogavam bola, do Maranhão entendeu que veio craques pra Parnaíba pra jogar bola pelo Ferroviário mas esses realmente o Leiterinho eram grandes craques do futebol, Raimundo Rasga e Vicente Rasga que eram dois irmãos um jogava na direita e outro jogava na esquerda eram grandes craques na época, meu pai jogava bola mas não era muito bom não mas meu pai tinha as peladas dele, meus tios também o tio Veridiano era jogador mas não tão bom, mas bom mesmo era o tio Manuel e o tio Raimundinho inclusive o tio Manuel ele foi nove vezes titular da Seleção Cearense de Futebol e foi inclusive foi vice campeão brasileiro de seleções entendeu.¹²

Ao observar as memórias de Edilson pode-se analisar a importância do vínculo familiar para as gerações de jogadores do Ferroviário de Parnaíba sendo que na época em que é citado o desporto futebolístico remonta uma importância não só de competição, mas de lazer e entretenimento para os jogadores principalmente para aqueles provenientes do subúrbio da cidade ou sócios da equipe. Outro destaque a ser enfatizado diz respeito as lembranças dos entes queridos ou conhecidos que já faleceram e defenderam a camisa do “Ferrim” muitas vezes lembrados por finados pelo funcionário público.

Durante a entrevista com Edilson de 62 anos, ex-sócio do Ferroviário, constatei que algumas vezes ele lembrava alguns fatos e logo depois voltava a falar da mesma informação que ele já havia me dito, mas com outras memórias que ele tinha esquecido de me contar. A respeito disso o historiador Pollak (2012) adverte que isso é normal nas entrevistas sobre isso ele fala:

Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. (POLLAK, 1992 p. 02)

As antigas gerações do Ferroviário devem ter motivado as futuras gerações pela continuação dos trabalhos da equipe até a atualidade pois, mesmo após o fim da estrada de Ferro Central do Piauí na cidade o time continua em funcionamento e exerce

¹² Entrevista realizada no dia 29/05/2016 por Denis Amaral Batista.

influência principalmente nas categorias de base de Parnaíba, atualmente mesmo com a recente profissionalização do clube aquela imagem de clube dos operários ferroviários permanece estampada na sua história.

1.7 – O olhar referente a atual situação do futebol amador parnaibano comparado com o de antigamente

O futebol parnaibano passou por várias transformações ao longo do tempo como a extinção de equipes amadoras, a formação de novos times suburbanos e a vinda da profissionalização desse esporte na cidade através de um único clube profissional o Parnahyba Sport Club. Isso se manteve até recentemente pois o Ferroviário também se profissionalizou e se filiou na Federação de Futebol do Piauí (FFP) entidade ligada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2013.

O Ferroviário de Parnaíba foi uma das equipes que mais se destacaram no amadorismo da cidade durante várias décadas e se mantem na ativa até hoje, mas de fato a sociedade parnaibana se modificou ao longo do tempo em relação ao futebol pois o amadorismo foi substituído pelo profissionalismo onde o que importa realmente nessa modalidade é o lucro.

Em minhas entrevistas achei importante perguntar aqueles que vivenciaram o período do futebol amador parnaibano no time Ferroviário como é a visão de cada um em relação a atual situação do desporto futebolístico em Parnaíba tanto no âmbito social, como nos aspectos culturais para assim compreender melhor as transformações do futebol relacionadas a população da cidade.

No que diz respeito a diferença entre o futebol amador parnaibano antigamente com o atual Vicente de 72 anos descreve:

A diferença entre tempos de futebol de ontem e hoje quase não existe em termos materiais, mas quanta paixão pelos clubes que disputam os campeonatos da Liga Parnaibana de Futebol Amador é notória a diferença entre o tempo passado e o atual, pois naquela época havia um grande público nas disputas do Campeonato Parnaibano efetivamente que era um campeonato de times amadores, hoje particularmente ainda existe esses campeonatos anualmente existe o Campeonato da Liga Parnaibana de Futebol, mas não existe aquela aquela aquela paixão pelos clubes aquela bi negação por parte dos torcedores, hoje praticamente o futebol da Parnaíba em termos de paixão ele está agregado ao Parnahyba tido como o tubarão do litoral.¹³

¹³ Entrevista realizada no dia 19/05/2016 por Denis Amaral Batista.

Pode-se perceber que durante certo período o futebol amador dominou a sociedade parnaibana em questões de divertimento e torcida. Acredito que a sociedade da cidade naquele período torcia para clubes suburbanos com a mesma paixão que hoje torcem ou pelo Parnahyba ou por grandes clubes do eixo Rio-São Paulo como Flamengo, Vasco, Botafogo, Corinthians, Santos, São Paulo, Palmeiras e Fluminense, clubes hoje que dominam o futebol de Parnaíba no que diz respeito a número de torcedores.

Sobre a profissionalização do futebol mais precisamente em Parnaíba é preciso destacar que o Parnahyba Sport Club foi a única equipe da cidade que conseguiu se filiar a Federação de Futebol do Piauí no começo. O Paysandu, outra equipe que era amadora se filiou depois, mas não se manteve em atividade por causa de problemas financeiros, o “Ferrim” não se filiou naquele período porque não tinha condições de se manter como clube profissional.

Com o crescimento do futebol profissional e competindo em torneios estaduais e nacionais o Parnahyba foi ganhando muitos torcedores e deixando os clubes amadores em situação difícil o Ferroviário se manteve como equipe amadora mas perdeu torcida nos campeonatos locais. A respeito da consequência da profissionalização do futebol na cidade “Potencia” também enfatiza:

Olha ele foi muito resumido, ficou muito resumido esse amor pelos clubes, não é, que havia antigamente como o Fluminense, o Belga, não é, o próprio Parnahyba amador, não é, o Ferroviário, o Flamengo, entendeu, é o Fluminense que foram clubes de antigamente que hoje praticamente não existem hoje existe outros times, não é, de subúrbios normalmente mantidos por pessoas de subúrbios pessoas simples que ainda essas pessoas gostam de futebol mas não existe aquela paixão pelos clubes é como era antigamente, aquela rivalidade entre aqueles clubes esses clubes que eu mencionei aí anteriormente, atualmente tem outros clubes Litorâneo não é, é por exemplo o Litorâneo é um clube lá do bairro do Carmo que antigamente era a Coroa certo, antigamente no Campeonato Parnaibano de Amadores nós tínhamos lá como representante daquele bairro o Santos Futebol Clube que era um grande clube e um celeiro de craques isso em tempos já mais modernos não é, já na década de 60, no final da década de 50 para o início da década de 60 nós fizemos o Santos lá bairro Coroa como time que forneceu muitos craques para o futebol parnaibano assim como nós fizemos lá no bairro Nova Parnaíba e bairro Curro e bairro Guarita o Flamengo certo, o bairro São José forneceu jogadores através de quem do Paysandu certo, para o próprio Parnahyba para o próprio Fluminense, o bairro São José também, e o bairro Nova Parnaíba também foi celeiro de grandes jogadores para o Flamengo para o Fluminense para o Paysandu mas foi um grande celeiros também para todos os clubes da Parnaíba.¹⁴

¹⁴ Entrevista realizada no dia 19/05/2016 por Denis Amaral Batista.

O Ferroviário de Parnaíba foi um exemplo de equipe que possuía muitos torcedores principalmente nas periferias da cidade onde ao longo do tempo foi perdendo simpatizantes para outros clubes depois da profissionalização do futebol brasileiro.

A profissionalização do futebol foi destacada também por Jorge Luís pois para ele essa modalidade do esporte foi prejudicial para maioria das equipes da cidade em especial do Ferroviário que também já sofria com a decadência da Estrada de Ferro Central do Piauí em sua fala ele enfatiza:

Foi ruim para a maioria dos times amadores de Parnaíba porque ficou centrado todos os esforços no Parnahyba e isso reduziu bastante a força do futebol amador de Parnaíba porque tudo se concentrou no Parnahyba, no Parnahyba time, e os outros clubes não tiveram condição de acompanhar a evolução clubes como Ferroviário até pela decadência dentro da estrada de ferro onde os sócios foram ficando mais idosos morrendo foi preciso que a diretoria do Ferroviário tomasse a deliberação de associar os filhos dos ferroviários para que eles pudessem tomar conta e dá continuidade ao clube, então eu acho que a profissionalização do futebol de Parnaíba prejudicou muito nosso campeonato que era casa cheia jogos só com times locais.¹⁵

Outra maneira de diferenciar o futebol praticado nos tempos áureos do desporto em Parnaíba comparado com da atualidade é quando se observa a forma de como os jogadores se comportam, a respeito dessa indagação Rodney Spindola de 54 anos atual presidente da “Ferrim” destaca:

Eu vejo diferença sim é apesar de eu não ter jogado no meio deles hoje como eu sou o presidente do clube do Ferroviário inclusive a gente trabalha lá com o esporte também nós temos time de base nós temos um trabalho com jovens adolescentes, mas a gente vê que naquele tempo parece, parece-me que as pessoas é tinham mais habilidades no futebol não sei se é porque é que o futebol era em outra época dizem que o futebol agora ficou muito técnico muito com mais preparo físico mais as pessoas que hoje são lembradas no futebol principalmente os atletas do Ferroviário dos anos passados essas pessoas são consideradas como os grandes atletas de futebol os grandes craques do futebol parnaibano.¹⁶

Também é importante destacar a forma de como o desporto futebolístico deixou de ser um esporte de lazer e entretenimento e se tornou uma atividade lucrativa em que os clubes dependem da profissionalização para participar de competições nacionais e internacionais cujo os jogadores passaram a ser “empregados” dos times onde o salário é o mais importante. Sobre essa análise Edilson Barbosa enfatiza:

¹⁵ Entrevista realizada no dia 23/05/2016 por Denis Amaral Batista.

¹⁶ Entrevista realizada no dia 30/05/2016 por Denis Amaral Batista.

Olha eu vejo uma diferença exorbitante primeiro porque na época do futebol que hoje nós estamos falando aqui era uma época em que você praticava o esporte porque você gostava de praticar lhe fazia bem, não é um esporte aonde assim que você ia porque é você ia ganhar uma coisa aqui outra acolá não, era uma coisa que você ia porque você tinha aquele gosto de praticar o esporte, de ajudar o time, a diretoria e é um futebol vamos dizer assim vistoso que você tinha gosto de assistir, não é como o de hoje, hoje você vai mais pelo dinheiro a maioria dos jogadores vai mais por dinheiro essa era a diferença, o futebol daqui de antigamente era melhor, mais bem disputado, com mais gosto.¹⁷

Pode-se constatar que com a vinda da profissionalização do futebol em Parnaíba vários aspectos se modificaram no esporte como foi citado anteriormente, desde a forma de como os atletas jogam e se comportam em campo ou seja de forma mais técnica, até a atitude dos clubes que para poder disputar competições interestaduais acabam se profissionalizando, se tornando uma espécie de empresa que visa o lucro onde isso também afastou os torcedores do futebol amador para o profissional por causa da visibilidade principalmente da mídia nacional.

O Ferroviário sofreu muitas mudanças, assim com a grande maioria dos clubes amadores parnaibanos, porém a equipe permanece funcionando agora também como time profissional, mas de fato as grandes glórias da equipe foram no amadorismo e as futuras vitórias da equipe só o tempo dirá.

¹⁷ Entrevista realizada no dia 29/05/2016 por Denis Amaral Batista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa sobre o Ferroviário de Parnaíba destacou tanto a equipe futebolística que é considerada o segundo maior time em número de títulos no futebol amador da cidade, quanto a sede do clube que foi palco de inúmeras festividades principalmente no carnaval cujo local permanece funcionando na Avenida São Sebastião onde está situada a academia Evolução.

No que diz respeito ao time do “Ferrim” achei interessante pesquisar o modo de como uma equipe proveniente da ferrovia que nasceu graças a paixão que os operários da antiga Estrada de Ferro Central do Piauí tinham pelo futebol, foi crescendo até se tornar uma das grandes forças do desporto futebolístico amador em Parnaíba.

Ao ouvir antigos e atuais sócios do clube constatei que o Ferroviário fazia e ainda faz parte da vida e memória dessas pessoas onde analisei que a rotina da equipe era motivo de orgulho para aqueles que vivenciaram relações sociais nos campos futebolísticos. Posso enfatizar que alguns desses jogadores eram talentosos a ponto de serem contratados para jogar em outros times da região.

Sobre a sede do “Esquadrão da Central” enfatizei que o local servia não somente para os sócios ferroviários e suas famílias, mas para a sociedade parnaibana que utilizava o lugar para festividades e eventos. É crucial ressaltar que o carnaval com os tradicionais bailes de marchinha se destacaram em toda cidade na época pela animação e diversão que proporcionava.

Em meu trabalho achei interessante colocar alguns locais de Parnaíba onde os jogos amadores eram realizados, desde o Estádio Petrônio Portela até alguns campos suburbanos, que serviam de diversão para os moradores nessas comunidades principalmente nos finais de semana. De fato, que tanto o “Ferrim” como outras equipes periféricas ou até de elite disputaram jogos memoráveis nesses locais.

Além de destacar o Ferroviário de Parnaíba também achei necessário colocar em pauta outras equipes que nasceram em decorrência da expansão das linhas férreas em alguns locais do Brasil, o nascimento de times de operários não foi algo isolado, nem determinado a um período e nem aconteceu apenas no crescimento das ferrovias, mas em outros locais de trabalho como no comércio e na indústria.

O futebol em Parnaíba se modificou após a profissionalização, passou de um esporte centrado nas diversas equipes amadoras que existiam antes o qual levava várias pessoas provenientes dos subúrbios a jogar e torcer pelo seu time do coração, e se

transformou em um futebol em que concentra todas as atenções no Parnahyba Sport Club que é o maior clube profissional do interior do Piauí, além da concorrência com as equipes do eixo Rio-São Paulo como Flamengo, Vasco, Corinthians, São Paulo e Fluminense que por meio da imprensa sulista principalmente da TV aberta e atualmente a TV por assinatura dominam a preferência da torcida da maioria dos parnaibanos.

Atualmente o “Ferrim” é um clube profissional e faz parte da Federação de Futebol do Piauí (FFP) e posteriormente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), destaco que apesar da minha crítica a profissionalização do futebol que transformou o esporte em um produto lucrativo, acho viável a filiação do Ferroviário de Parnaíba a FFP, pois se tornar uma equipe profissional hoje em dia é questão de sobrevivência para vários times amadores, pois só assim ganham visibilidade da mídia de outros locais do estado e do país, além de poder competir com outras equipes nacionais e o único meio de jogar competições internacionais.

Mesmo com a profissionalização do eterno “Esquadrão da Central” os tempos áureos do futebol amador em Parnaíba não serão esquecidos, pelo fato de que as lembranças e memórias daqueles que vivenciaram esse tempo, continuarão passando de geração em geração, como o orgulho de terem sido trabalhadores ferroviários e jogadores do “Ferrim” de Parnaíba.

Ao analisar meu trabalho enfatizo que foi importante para minha formação acadêmica colocar um tema como o futebol em pauta porque é através de assuntos que fazem parte do nosso cotidiano como o esporte, que podemos entender características sociais de determinadas épocas e sobretudo compreender o motivo pelo qual o desporto futebolístico faz parte da identidade brasileira.

Para este trabalho, atendemos nossos objetivos, no entanto, para posteriores aprimoramentos propomos o uso maior de imagens, fato que não foi plenamente possível ser realizado agora devido que não foi encontrada as referidas imagens nas fontes pesquisadas para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

Teses, Dissertações e Artigos

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de, GUTIERREZ, Gustavo Luis, FERREIRA, Ricardo Pellison. **Futebol e ferrovia: a história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista**. São Paulo, Revista brasileira de Educação Física. Esporte, 2010

CECATTO, Adriano, FERNANDES, Márcio Régis. **História e Imagem: Linguagem e Cultura Visual**. Teresina-PI, VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar, Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2012

CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. **“Esquadrão da Central”: Os ferroviários e o futebol em Parnaíba (PI)**. XIII Encontro Nacional de História Oral: História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. **Entre Trilhos e Dormentes: a Estrada de Ferro Central do Piauí na história e na memória dos parnaibanos (1960 – 1980)**. Teresina, UFPI, 2015.

COSTA, Mauricio da Silva Drumond. **Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945)**. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.

DRUMOND, Mauricio. **O esporte como política de Estado: Vargas**. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FERREIRA, Ricardo Pelinson. **Futebol e Ferrovia: o trem da industrialização que parte para o interior**. 2008. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. **Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná.** Ponta Grossa-PR, UEPG, 2000.

KOCH, Rodrigo. **De virada é mais gostoso? Rupturas e deslocamentos na trajetória do futebol brasileiro.** Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2012.

MACHADO, José Maria. **O Ferroviário está de volta ao futebol.** Histórica. Ano I, Nº 01, Abril de 2008.

OLIVEIRA, Alex Fernandes de. **Origem do Futebol Na Inglaterra No Brasil.** São Paulo, Revista Brasileira de Futsal e Futebol, 2012.

PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A Narrativa da Ordem e a voz da Multidão: O Futebol na Imprensa Durante o Estado Novo (1937 – 1945).** São Paulo, USP, 2009.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **“Ato de Emancipação”? O processo de profissionalização e suas consequências para o futebol cearense.** Fortaleza, UECE, 2013.

PINTO, Rodrigo Márcio Souza. **Do Passeio Público à Ferrovia: O Futebol Proletário em Fortaleza (1904 – 1945).** Fortaleza, UFC, 2007.

SANTOS, Edvander Ramalho dos, MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. **Operário Ferroviário Esporte Clube: Patrimônio Cultural de Ponta Grossa.** Curitiba, UFPR, 2012.

TONINI, Marcelo Diego. **Ferrovia e Futebol: o caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade de Rio Claro, 1870 – 1930.** Rio Claro-SP, ANPUH, 2007.

VALDANHA NETTO, Américo, SOUZA NETO, Samuel de, HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França. **O Grêmio da Paulista e o lazer do Ferroviário rio-clarense**. Rio Claro-SP, UNESP, 2010.

VIEIRA, Lêda Rodrigues. **Cidade ferroviária: História e memória da ferrovia piauiense na cidade de Parnaíba, 1916 a 1930**. Fortaleza, ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História, 2007.

Livros

BRITO, José de Paulo. **Memórias Urbanas: uma viagem ao passado do futebol em Parnaíba 1898 a 2000**. Parnaíba-PI, 2012.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo, Companhia de Letras, 2007.

FREITAS, Rubens. **Pedro Alelaf: Lição de Vida**. Parnaíba-PI. COMEPI, 2001.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Programa, mito e realidade. 5º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JOUTARD, Phillippe, FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. / Organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces**. Rio de Janeiro, Tempo, 1996.

MENDES, Iweltman. **Almanaque da Parnaíba 80 Anos, Edição Comemorativa**. Parnaíba-PI, Academia Parnaibana de Letras, 2004.

MURAD, Mauricio. **“Corpo, Magia e Alienação – o negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social”**, em pesquisa de campo, nº 0 (UFRJ / Departamento Cultural), 1994.

MURAD, Mauricio. **Dos Pés a Cabeça – Elementos Básicos da Sociologia do Futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NASCIMENTO, João Batista de Oliveira. **Parnaíba: terra do futebol** / João Batista de Oliveira Nascimento. – Fortaleza: Premius, 2013.

OLIVEIRA, Inácio Marinheiro de. **Parnaíba: a pérola do litoral brasileiro** / Inácio Marinheiro de Oliveira. Teresina: Inácio Marinheiro de Oliveira, 2014.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1992.

RODRIGUES FILHO, Mario; **O negro no futebol brasileiro; Rio de Janeiro; MAUAD; 2008.**

SANTOS NETO, José Moraes dos; **Visão do Jogo – Primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

SILVA, Jorge Luiz Araújo, **Ferrovário: 70 anos de um dos mais tradicionais clubes do Piauí**. Parnaíba-PI, 2016.

Sites

www.chamadageralparnaiba.com. **Ferrovário participará da segunda divisão do campeonato piauiense, 2010.**

www.historiadosporte.com. **Getúlio Vargas, São Januário e o 1º de Maio.**

www.youtube.com. *Futebol: o nascimento de uma paixão. Brasil: The History Channel, 2000.*

Depoimentos

MACHADO, Edilson Barbosa. Depoimento concedido a Denis Amaral Batista. Parnaíba-PI, 29 de maio. 2016

SILVA, Jorge Luís Araújo. Depoimento concedido a Denis Amaral Batista. Parnaíba-PI, 23 de maio. 2016

SILVA, Vicente de Paula Araújo. Depoimento concedido a Denis Amaral Batista. Parnaíba-PI, 19 de maio. 2016

SPINDOLA, Rodney Oliveira. Depoimento concedido a Denis Amaral Batista. Parnaíba-PI, 30 de maio. 2016

ANEXOS

**TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE
DEPOIMENTO ORAL**

CEDENTE: Edilson Barbosa Machado
nacionalidade: brasileiro, estado civil solteiro profissão,
fiscal da vigilância sanitária portador da cédula de identidade RG/ Cédula nº
1783652, emitida pelo SSP, domiciliado e residente na
Rua/ Av. / Praça Rua Arnono Pena 644 de filiação
pai João Perigentino Machado, e
mae Alise Araújo Barbosa Machado.

CESSIONÁRIO: Denis Amaral Batista, RG: 3345785, estabelecido na Rua Piauí nº 1549
Bairro Piauí

OBJTIVO: Entrevista gravada para monografia de conclusão de curso de licenciatura
plena em história, da Universidade do Piauí – UESPI/ PARNAÍBA.

DO USO: Declaro ceder a Denis Amaral Batista em quaisquer restrições quanto aos
seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do
depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade de
Parnaíba, em 29 / 05 / 2016, num total de 15 min
tempo gravado. Denis Amaral Batista fica conseqüentemente autorizado a utilizar,
divulgar e publicar para fins culturais o mencionado depoimento, no todo ou em parte,
editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos,
segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e
autor.

Parnaíba, 29 de maio de 2016

Edilson Barbosa Machado

Assinatura do Depoente / Cedente

**TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE
DEPOIMENTO ORAL**

CEDENTE: Jorge Luiz Araújo Silva
nacionalidade: brasileiro, estado civil casado profissão,
aposentado portador da cédula de identidade RG/ Cédula nº
165289, emitida pelo SSP, domiciliado e residente na
Rua/ Av. / Praça Rua Simplicio Dias n.359 Bairro Centro de filiação
pai Sebastião Lauro da Silva, e
mae Maria das Dores Araújo Silva.

CESSIONÁRIO: Denis Amaral Batista, RG: 3345785, estabelecido na Rua Piauí nº 1549
Bairro Piauí

OBJTIVO: Entrevista gravada para monografia de conclusão de curso de licenciatura
plena em história, da Universidade do Piauí – UESPI/ PARNAÍBA.

DO USO: Declaro ceder a Denis Amaral Batista em quaisquer restrições quanto aos
seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do
depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade de
Parnaíba/PI, em 23 / 05 / 2016, num total de 12 min
tempo gravado. Denis Amaral Batista fica conseqüentemente autorizado a utilizar,
divulgar e publicar para fins culturais o mencionado depoimento, no todo ou em parte,
editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos,
segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e
autor.

Parnaíba, 23 de maio de 2016

Jorge Luiz Araújo Silva

Assinatura do Depoente / Cedente

**TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE
DEPOIMENTO ORAL**

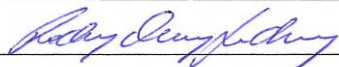
CEDENTE: Rodney Oliveira Spindola
nacionalidade: brasileiro, estado civil casado profissão,
servidor público federal portador da cédula de identidade RG/ Cédula nº
446671, emitida pelo SSP, domiciliado e residente na
Rua/ Av. / Praça Rua Vera Cruz 774 São José de filiação
pai João de Deus Spindola, e
mae Maria dos Remedios Oliveira Spindola.

CESSIONÁRIO: Denis Amaral Batista, RG: 3345785, estabelecido na Rua Piauí nº 1549
Bairro Piauí

OBJTIVO: Entrevista gravada para monografia de conclusão de curso de licenciatura
plena em história, da Universidade do Piauí – UESPI/ PARNAÍBA.

DO USO: Declaro ceder a Denis Amaral Batista em quaisquer restrições quanto aos
seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do
depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade de
Parnaíba, em 30 / 05 / 2016, num total de 07 min
tempo gravado. Denis Amaral Batista fica conseqüentemente autorizado a utilizar,
divulgar e publicar para fins culturais o mencionado depoimento, no todo ou em parte,
editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos,
segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e
autor.

Parnaíba, 30 de maio de 2016



Assinatura do Depoente / Cedente

**TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE
DEPOIMENTO ORAL**

CEDENTE: VICENTE DE PAULA ARAÚJO SILVA
nacionalidade: BRASILEIRO, estado civil CASADO profissão,
TEC. EM ELETROTÉCNICA portador da cédula de identidade RG/ Cédula nº
61.345-SSPI, emitida pelo SSPI, domiciliado e residente na
Rua/ Av. / Praça RUA SANTA RITA N.º 85 CAMPOS de filiação
pai SEBASTIÃO LAURO DA SILVA, e
mãe MARIA DAS DORES ARAÚJO DA SILVA.

CESSIONÁRIO: Denis Amaral Batista, RG: 3345785, estabelecido na Rua Piauí nº 1549
Bairro Piauí

OBJTIVO: Entrevista gravada para monografia de conclusão de curso de licenciatura
plena em história, da Universidade do Piauí – UESPI/ PARNAÍBA.

DO USO: Declaro ceder a Denis Amaral Batista em quaisquer restrições quanto aos
seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do
depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade de
Parnaíba/PI, em 19 / 05 / 2016, num total de 11 min
tempo gravado. Denis Amaral Batista fica conseqüentemente autorizado a utilizar,
divulgar e publicar para fins culturais o mencionado depoimento, no todo ou em parte,
editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos,
segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e
autor.

Parnaíba, 19 de maio de 2016

Vicente Paula Araújo Silva
Assinatura do Depoente / Cedente